

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
CURSO DE MUSEOLOGIA**

BRUNO BRAGA BRAGA

**MUSEOLOGIA E COMUNICAÇÃO: UM ESTUDO DO POTENCIAL
MUSEOLÓGICO DO THEATRO DA PAZ**

**Belém – Pará
2017**

BRUNO BRAGA BRAGA

**MUSEOLOGIA E COMUNICAÇÃO: UM ESTUDO DO POTENCIAL
MUSEOLÓGICO DO THEATRO DA PAZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Museologia à Faculdade de Museologia do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof^ª. Paula Silva.

**Belém – Pará
2017**

BRUNO BRAGA BRAGA

**MUSEOLOGIA E COMUNICAÇÃO: UM ESTUDO DO POTENCIAL
MUSEOLÓGICO DO THEATRO DA PAZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Museologia à Faculdade de Artes Visuais do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará.

Banca Examinadora:

Prof.^a Paula Silva
Universidade Federal do Pará - UFPA
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Carmen Silva
Examinadora

Prof.^o Dr.^o Hugo Menezes Neto
Examinador

APROVADO EM: 18/05/2017.

*Dedico a minha mãe, Ivaneide Braga,
pelo amor incondicional.*

AGRADECIMENTOS

A Deus pelas bênçãos concedidas diariamente,

A minha família, em especial, minha mãe, Ivaneide Braga, por ser meu porto seguro em todos os momentos da minha vida.

A orientadora Paula Silva, meu respeito, admiração e eterna gratidão pelo profissionalismo e infinita paciência durante o processo de pesquisa e desenvolvimento do trabalho.

Aos professores participantes da banca de qualificação deste trabalho, Dr. Hugo Menezes Neto e Dr^a Carmen Silva.

A todos os professores, coordenadores, assistentes administrativos e demais funcionários do curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Pará.

Ao Museu de Arte de Belém (MABE) pela grande receptividade da diretora Dora Lucia Ribeiro Lourenço e demais funcionários durante a realização das atividades complementares e estágio obrigatório.

Ao Theatro da Paz pela receptividade de sua direção e seus funcionários durante a realização das entrevistas e coleta de dados.

Aos participantes das entrevistas: visitantes presentes durante as visitas guiadas, arquitetos, agentes de turismo e taxistas que trabalham no entorno do Theatro da Paz.

A todos os amigos discentes do curso de Museologia, em especial, às amigas Sandra Rosa, Paula Duarte e Vivian Moura pela convivência, companheirismo e carinho mútuo durante os quatro anos do curso.

A todos que admiram e trabalham com as mais variadas formas de arte, seja nos museus, artes visuais, cinema, música e aos que contribuíram direta ou indiretamente na realização desta monografia e graduação.

A todos, meu muito obrigado!

O museu é o mundo
(Hélio Oiticica)

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo analisar o Theatro da Paz a partir da perspectiva da Museologia, considerando a musealização como um elemento significativo que proporcione a sua preservação referente às ações de comunicação, tendo como foco as visitas guiadas desenvolvidas pela instituição e a forma como são compreendidas, no que tange ao seu possível processo de musealização. A justificativa do estudo compreende o Theatro da Paz como um patrimônio que apresenta potencial para ser musealizado, com o propósito de fomentar e intensificar sua preservação, levando-se em consideração a expressividade de suas ações de comunicação, destacando-se as visitas guiadas promovidas pela instituição somadas ao seu conjunto de obras permanentemente encontradas no espaço e apresentadas ao público junto à história do local com o intento de comunicar. Os resultados alcançados por este trabalho foram a proposta de musealização do teatro por meio de um estudo das potencialidades museológicas presentes nas visitas guiadas considerando elementos da comunicação que discutem questões museológicas, assim como a obtenção de dados que puderam revelar aproximações e distanciamentos deste espaço cultural a bens musealizados.

Palavras-Chaves: Museologia, Comunicação, Potencial Museológico, Visita Guiada, Theatro da Paz.

ABSTRACT

The goal of the current research was to have Theatro da Paz (the Opera House) investigated from the museology perspective, considering the musealization as a significant element that provides its preservation regarding the actions of communication, focusing on guided tours developed by the institution and the way they are understood, with regard to their possible process of musealization. The study has as its defense the fact that Theatro da Paz as an asset that has the potential to be musealized, with the purpose of fostering and intensifying its preservation, considering the expressiveness of its communication actions, highlighting the guided visits promoted by the Institution added to its set of works permanently found in space and presented to the public including the history of the place with the intent to communicate. The results obtained by this work were the proposal of musealization of the theater by means of a museological potentialities study evident in the guided visits considering elements of the communication that discuss museological questions, as well as the obtaining of data that could reveal approximations and distances of this cultural space to museum assets.

Key-Words: Museology, Communication, Museological potential, Guided visitation, Theatro da Paz.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Diagrama do Processo de Musealização	23
Imagem 2 - Visita Guiada.....	31
Imagem 3 - Visita Guiada.....	32
Imagem 4 - Visita Guiada.....	32
Imagem 5 - Visita Guiada.....	33
Imagem 6 - Visita Guiada.....	34
Imagem 7 - Visita Guiada.....	34
Imagem 8 - Visita Guiada.....	35
Imagem 9 - Theatro da Paz.....	47
Imagem 10 - Theatro da Paz - Salão de Entrada	48
Imagem 11 - Theatro da Paz- Sala de Espetáculos.....	49
Imagem 12 - Theatro da Paz- Salão Nobre ou Foyer	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DPHAC – Departamento do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPA – Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO	19
2.1 BREVES ABORDAGENS SOBRE MUSEALIZAÇÃO	19
2.2 QUESTÕES CONCEITUAIS DA COMUNICAÇÃO E COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA	24
3. MEDIAÇÃO E A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA	31
3.1 DEFINIÇÃO DE MEDIAÇÃO: O PAPEL DO MEDIADOR E DA VISITA GUIADA	32
3.2 AS MEDIAÇÕES COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA: DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÃO E APROXIMAÇÃO DO PÚBLICO	39
3.3 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	41
4 O POTENCIAL MUSEOLÓGICO DO THEATRO DA PAZ: UM ESTUDO DE CASO ..	45
4.1 O LÓCUS EM QUESTÃO	47
4.2 MÉTODO E PROCEDIMENTOS	51
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE	

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte das primeiras impressões representativas do Theatro da Paz como um local cultural já institucionalizado e valorizado na contemporaneidade, motivado a partir de reflexões sobre o mesmo, não apenas como um local onde acontecem espetáculos, mas como um espaço cultural de visitação, devido apresentar não apenas uma edificação semelhante aos museus, mas também ao seu espaço que foi institucionalizado em construções remanescentes de um determinado período histórico de Belém.

A temática “Museologia e Comunicação: um estudo do potencial museológico do Theatro da Paz” vem propor a musealização do teatro através de um estudo das potencialidades museológicas presentes nas mediações ou visitas guiadas devido a sua importância dentro do circuito de atividades que esse espaço apresenta ao público, considerando-se que o processo comunicacional está relacionado a elementos que discutem questões dentro do campo museológico, tais como os principais conceitos teóricos sobre a musealização, comunicação, mediação, o papel do mediador, estudo de público, educação em museus e educação patrimonial que resultaram na possível obtenção de dados que puderam “diagnosticar” aproximações e distanciamentos deste espaço cultural a bens musealizados. Todavia, verifica-se certa negligência quanto a essa atividade, pois não se acredita que haja investimento adequado para atrair o público local.

O Theatro da Paz¹ está inserido na região central de Belém do Pará, mais precisamente na Praça da República, Rua da Paz, bairro da Campina, nas proximidades de alguns patrimônios históricos culturais, tais como o Bar do Parque, Cinema Olímpia, casarões antigos, dentre outros que fazem parte da memória social paraense.

O teatro foi inaugurado no dia 15 de fevereiro de 1878 e sua construção foi fruto do período da Belle Époque como um dos investimentos provenientes do Ciclo da Borracha, tornando-se o símbolo de um período marcado pelo investimento econômico e moderno caracterizado por impulsionar a urbanização e as atividades culturais do Estado do Pará. Partindo dessas informações, o Theatro da Paz é um bem cultural patrimonializado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN) e, nesse sentido:

¹Breve histórico disponível em SOUZA, R. S. de. Histórias invisíveis do Teatro da Paz: da construção à primeira reforma – Belém do Grão-Pará (1869-1890). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2015.

Consideram-se bens culturais passíveis de musealização os bens móveis e imóveis de interesse público, de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (BRASIL, Art. 2º da Lei 11.906/2009, IBRAM, 2009b).

O Theatro da Paz apresenta elementos que se acredita serem passíveis de musealização, mas ainda não conta com a atuação de profissionais dedicados às ações necessárias para tal. Sendo assim, para que ocorra este processo será necessário que haja investimentos que ultrapassem o seu valor histórico e promovam ações de proteção, conservação, salvaguarda, documentação e especialmente da exposição como importante forma de comunicação.

Como objetivo geral deste trabalho, é importante analisar o Theatro da Paz a partir da perspectiva da Museologia, considerando a musealização como um elemento significativo que propicie a sua preservação no tocante as ações de comunicação, tendo como foco as mediações ou visitas guiadas desenvolvidas pela instituição, como um elemento que revela proximidade com os processos de comunicação museológica.

Ao caracterizar o local onde ocorrem as mediações, Jesus (2014) nos faz refletir sobre a necessidade de um plano mais amplo que pudesse ocorrer em longo prazo e mantivesse este espaço e os seus patrimônios materializados associados a uma dinâmica de mudanças e usos, presentes tanto no seu interior, quanto no seu entorno. Por mais que essas visitas aconteçam com frequência há vários anos, é fundamental que, com o passar do tempo, os responsáveis se encarreguem de verificar resultados que possam traduzir de forma palpável as potencialidades – inclusive museológicas – do Theatro da Paz a partir dessas visitas, como um instrumento de atualização dos conteúdos apresentados e manutenção dos pontos atrativos ao público.

Referenciando o público em questão, é necessário saber que as visitas² guiadas iniciaram no final da década de 90 e ocorrem diariamente (exceto às segundas-feiras) no horário de 9 às 17h e aos finais de semana de 9 às 12h. O ingresso custa R\$ 6,00 (seis reais) e recebe meia-entrada para estudantes.

Como objetivos específicos, esta pesquisa se propõe a analisar o fundamento conceitual do campo da Museologia no que se refere ao processo de comunicação museológica e sua relação com o processo de musealização; identificar as visitas guiadas promovidas pelo Theatro da Paz como um elemento que se aproxima da comunicação

²Informações coletadas durante a visita guiada no Theatro da Paz em 10 fev 2017.

presente no processo de musealização e investigar a interação sociocultural promovida pelas visitas guiadas, objetivando compreender a configuração das relações comunicativas com o campo da Museologia, fatos considerados essenciais na compreensão deste trabalho.

Este estudo se justifica ao compreender o Theatro da Paz como um patrimônio que apresenta potencial para ser musealizado, com o propósito de fomentar e intensificar sua preservação, levando-se em consideração a expressividade de suas ações de comunicação, destacando-se as mediações ou visitas guiadas promovidas pela instituição somadas ao seu conjunto de obras permanentemente encontradas no espaço e apresentadas ao público junto à história do local com o intento de comunicar.

Nesse sentido, contribuem na preservação de sua memória histórica, arquitetônica e artística como um local que será sempre uma das grandes referências culturais do Estado do Pará, sendo importante observar o discurso da instituição e de que forma os moradores da cidade de Belém visualizam o Theatro da Paz na perspectiva de um espaço museal relacionado às visitas, uma vez que os mesmos possam se apropriar dos conteúdos desse espaço e se sentir representados, pois o mesmo só terá função se houver esta identificação e apropriação.

Em tal contexto, os visitantes são apresentados às histórias do local com uma memória edificada sobre um determinado período de Belém. Dessa forma, os visitantes que tenham conhecido o espaço, seus objetos e seu valor histórico podem ver assegurados os possíveis usos do local e sua preservação para as futuras gerações. Nesse sentido, Ivo Maroevic (1997) aponta que “a proteção da memória supõe uma identificação atenta daquilo que é a memória nos objetos do patrimônio e de suas relações com o próprio objeto ou com o seu entorno”. Afirma também o autor que o patrimônio está relacionado a uma memória coletiva e é preciso que seja preservado.

Além do seu relevante valor arquitetônico, histórico, artístico e cultural, o Theatro da Paz apresenta grande representatividade e importância porque foi tombado³ pelo IPHAN com a denominação ‘Edifício do Teatro da Paz’ à Praça da República por meio do processo 671-T-62 presente no livro histórico em 21 de junho de 1963. Na esfera municipal foi tombado ao ser inserido no Centro Histórico de Belém e entorno, abrangendo os bairros da Cidade Velha, Campina e parte do Reduto e Nazaré, delimitados pela Lei nº 7.709/94, em 30 de março de

³ Tombamento do Theatro da Paz. Lei Estadual nº 5.629. Secretaria Executiva de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Periódico. Informar para preservar, 1. Belém, 2002. 39 p. II.

1990. Na esfera estadual, foi tombado a partir da Lei nº 4.855, de 03 de setembro de 1979, como a primeira lei a estabelecer normas de preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Científico e Turístico do Estado do Pará.

Nessa linha de pensamento, foi utilizada a perspectiva da comunicação museológica para verificar se os conteúdos presentes no processo de comunicação da instituição e a forma como são apresentados para o público permitem que este espaço se torne musealizável. Portanto, o foco do processo de comunicação que se procurou identificar está na mensagem, em sua forma de apresentação ao público e como este a recebe, e a importância de que o ciclo comunicacional se feche com o retorno deste público visitante.

A partir dessas ações tornou-se fundamental analisar mecanismos de incentivo às visitas, assim como sua sistematização e planejamento, estando relacionada ou não aos processos pedagógicos aplicados na instituição sendo proposto identificar fatores relevantes que pudessem contribuir com os estudos museológicos da Universidade Federal do Pará e prosseguir com as pesquisas na educação acadêmica que dialoguem com as disciplinas que versem sobre Musealização do Patrimônio, Museologia e Comunicação e Educação Patrimonial.

O trabalho é um estudo de caso sobre as potencialidades museológicas do Theatro da Paz a partir da comunicação museológica presente nas visitas guiadas deste espaço e, neste sentido, foi feito o levantamento do referencial teórico baseado nas temáticas abordadas e nas definições das fontes informativas adotadas (CUNHA, 2001).

No que concerne aos fundamentos teóricos, foram utilizados autores que debatem sobre a temática do processo de musealização, comunicação, educação em museus, educação patrimonial a partir da realização de fichamentos no sentido de contextualizar suas principais reflexões com os demais autores e abordagens gerais, dentre os quais podemos destacar: Mário Chagas (1994), Marília Xavier Cury (2008), Lucia Santaella (2004), Teresa Scheiner (2003), Diana Lima (2013), Maria Lúcia Loureiro (2012), Martha Marandino (2003), Jesus (2014), Martin Barbero (2009), Ana Mae Barbosa (2009), dentre outros. Além dos autores citados, foram pesquisadas quatro Leis referentes ao IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), sobre o tombamento do Theatro da Paz no que tange as esferas estadual, federal e municipal, sobre o Artigo 5º da Constituição Federal Brasileira e sobre a Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009 que foi instituída pelo Estatuto de Museus.

Além da revisão do referencial teórico, foi realizada uma pesquisa de campo no Theatro da Paz para a aplicação de entrevistas que, para Gaskell (2002, p. 73), “é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca”.

Essas entrevistas são classificadas como qualitativas abertas e fechadas e foram feitas com a autorização prévia dos entrevistados por meio de um documento denominado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que o entrevistado poderia aceitar ou recusar a entrevista, sendo este um documento que contém todas as informações referentes à entrevista e os seus principais objetivos.

Foi de grande relevância analisar de que forma as mediações ou visitas guiadas ocorridas no Theatro da Paz podem ser compreendidas como um elemento fomentador do seu processo de musealização. Dessa forma, pretendeu-se conhecer o olhar de doze (12) participantes do sexo masculino e feminino moradores da região metropolitana de Belém, oriundos de diferentes áreas de atuação, por meio de suas opiniões, sugestões, hábitos culturais e construções imaginárias referentes à maneira como utilizam seu tempo livre neste espaço no intuito de recriação e informação que puderam revelar essa relação de apropriação e identificação dos mesmos com o espaço.

As entrevistas foram realizadas com (01) a gestão ou direção do Theatro da Paz, (01) um funcionário aposentado, (02) mediadores, (02) arquitetos, (02) funcionários representantes do setor turístico, (02) taxistas trabalhadores do entorno do teatro e (02) visitantes de faixa etária diferente moradores da região metropolitana de Belém. Em seguida, as entrevistas foram transcritas e serviram de base para o levantamento dos dados sobre as percepções dos entrevistados referentes às potencialidades museológicas do teatro a partir das visitas guiadas como os resultados deste trabalho.

Este trabalho tem sua organização através de capítulos constituídos da seguinte forma: No primeiro capítulo fez-se uma abordagem sobre o processo de musealização e comunicação com breves abordagens sobre a musealização e questões conceituais da Comunicação e Comunicação Museológica como uma maneira de informar durante as ações de mediação e a importância de aproximar a população deste espaço cultural.

Neste sentido, foram utilizados os autores Marília Xavier Cury (2008), ao refletir sobre o campo de atuação da Museologia, comunicação museológica e pesquisa de recepção numa perspectiva teórico metodológica para os museus; Peter Van Mensch (2004), Martin

Schärer (2009) e Diana Lima (2013) sobre a musealização integrando a musealidade; Desvallées; Mairesse (2013) a partir dos conceitos-chave de musealização; Ivo Maroevic (1997), sobre o papel da musealidade na preservação da memória; Pedro Manuel Cardoso (2010), sobre o patrimônio perante o desenvolvimento da Museologia; Maria Lúcia Loureiro (2012), sobre a musealização como estratégia de preservação; Teresa Scheiner (2003), sobre a relação entre comunicação, educação e exposição; Lucia Santaella (2004), sobre a comunicação; Hooper-Greenhill (1994), Waldisa Russio (1989), Cristiane Santana (2011), Martin Barbero (1995) sobre as questões da comunicação, dentre outros.

Posteriormente, no segundo capítulo, procurou-se discutir a mediação e a comunicação museológica a partir da definição de mediação ao demonstrar o papel do mediador e da visita guiada como mediação, e nessa mesma perspectiva, identificar as mediações como estratégias de Comunicação Museológica por meio da disseminação de informação, aproximação do público juntamente com a Museologia Social e Educação Patrimonial.

Neste segundo capítulo, os autores utilizados foram: Marília Xavier Cury (2008), Sylvania Nascimento (2008), Martha Marandino (2008), Thaís Regina de Paula (2011), Mário Moutinho (1993), Desvallées; Mairesse (2012), Maria de Lourdes Horta, Evelina Grunberg, Adriane Monteiro (1999), Ana Mae Barbosa e Rejane Coutinho (2009), Flávio Silveira e Marcia Bezerra (2007).

No último capítulo procurou-se demonstrar o estudo do potencial museológico do Theatro da Paz a partir da comunicação presente nas visitas guiadas que se aproximam das ações existentes nos museus a partir dos conceitos de Mário Chagas (1994), Marlene Suano (1986) e a contribuição crítica dos museus tradicionais ao modelo comunicativo presente nas visitas guiadas a partir dos conceitos de Genoveva Oliveira (2013).

Ainda como parte integrante do último capítulo, foi importante descrever um breve histórico do Theatro da Paz no sentido de identificar a sua relevância no contexto histórico, social e cultural da cidade, desde o período de sua construção e sua valoração atual, fato que proporcionou sua escolha como o principal objeto deste estudo ao propor a sua musealização a partir de ações comunicacionais presentes em suas visitas guiadas. Nesta abordagem foram utilizados os autores Roseane Souza (2015) e Paulo Chaves Fernandes In Vicente Salles (2013).

Cabe ressaltar a importância da inserção referente a um estudo de caso a partir das entrevistas no intuito de demonstrar como a instituição Theatro da Paz concebe as visitas guiadas dentro do seu espaço partindo do princípio de que não é um espaço de museu, mas pode propor a sua musealização a partir da comunicação presente nessas mediações, além dos conceitos e estratégias que serão demonstradas no decorrer dos capítulos. Nesta abordagem foram utilizados os autores George Gaskell (2002), sobre o desenvolvimento de entrevistas individuais/grupais e Clifford Geertz (1978), sobre a interpretação das culturas.

2. O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Este capítulo faz uma abordagem geral sobre os conceitos de Musealização e Comunicação e permite ampliar o diálogo entre essas duas áreas do conhecimento tendo em vista as características peculiares entre as mesmas referentes ao modo como trabalham com o processo dialógico.

2.1 BREVES ABORDAGENS SOBRE MUSEALIZAÇÃO

Neste trabalho é fundamental abordar a importância da musealização de um patrimônio cultural ao atribuirmos “valores que objetivam confrontar o homem com a sua realidade”. (CURY, 2008, p. 30) e identificar este patrimônio segundo Lima (2012, p. 33) como a forma e o sentido cultural onde são criados e praticados os ideais que visam à preservação e continuidade deste bem, seja como um elemento musealizável aqui representado pela comunicação presente nas mediações ou visitas guiadas.

De acordo com Lima (2013), “o conceito de musealização surgiu no campo da Museologia por Zbynek Stránský por meio de uma perspectiva informacional”. Nesta perspectiva, cabe ressaltar que a informação é fundamental na construção do processo de musealização porque é o principal elemento integrador da comunicação.

Conforme Mensch (1994) o processo de musealização tem como base um elemento relacionado à preservação e salvaguarda de reproduções decodificadas como signos culturais que permite classificá-los como objetos especiais que merecem ser inseridos num contexto museológico como forma de preservação. (MENSCH, 1994, p. 06 apud DE PAULA, 2008, p.36). Neste sentido, podemos analisar que as ações de preservação e salvaguarda são essenciais para que ocorra de fato a musealização de um objeto e o mesmo possa ser inserido nas perspectivas museológicas.

Martin Schärer compreende o ato de musealizar como a “preservação dos valores ideais das coisas como sinais ” a partir da abrangência do juízo e da atitude como significados de um conteúdo simbólico” (SCHÄRER, 2009, p. 87 apud LIMA, 2013, p. 51). Neste contexto, Lima (2013, p. 388) afirma que alguns mecanismos podem explicar a pluralidade e as modalidades simbólicas da musealização quando:

Estamos diante de uma forma cultural institucionalizada que estabelece a legitimação social no encadeamento das representações criadas. Ao serem olhadas de maneira isolada não deixam transparecer a eficácia das significações, dos atributos, dos juízos, das atitudes, pois se organizam de várias maneiras que se fazem necessárias para sua atuação. Assim se pode articular, interagir, interconectar, interpenetrar, entrecruzar, superpor. (LIMA, 2013, p. 338).

Nessa perspectiva, Martin Schärer afirma que o processo de musealização “interrompe processos dinâmicos e o contexto social íntegro das coisas desaparece sendo classificado como ilustrações ou comprovações de algo”. (SCHÄRER, 2009, p. 88 apud LIMA, 2013, p. 51)

Ainda nessa linha de pensamento, Schärer afirma que a musealização pode tornar uma coisa musealizada a partir de algo diferente do que era anteriormente mesmo sendo fisicamente igual ao que era. Além disso, aponta que “[...] é no processo de musealização que as coisas são re-valorizadas e assumem uma nova qualidade: a musealidade, pois transformam-se em documentos como portadores da memória individual ou coletiva e tradição”.

Neste contexto, podemos compreender que ao musealizarmos uma coisa, estaremos atribuindo uma nova valorização ou qualidade mediante ao que a mesma já apresentava anteriormente, fato que o autor denomina de “revalorização” ao analisarmos a comunicação presente no debate deste trabalho como uma proposta de musealizar um espaço que não é museu, mas se assemelha ao mesmo devido apresentar propostas de mediação ou visita guiada que a priori são reconhecidas em museus, ações educativas, atividades turísticas, dentre outras.

Para Desvallées; Mairesse (2013, p. 56) “[...] a musealização designa o tornar-se museu ou, de maneira mais geral, a transformação de um centro de vida, que pode ser um centro de atividade humana ou um sítio natural, em algum tipo de museu.” Neste sentido, afirmam ainda, que a musealização está associada ao produto da modernidade (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 58).

Com efeito, são questões relevantes do ponto de vista da inquietação quando se apresenta um pergunta aplicada a instituições que não são museus, mas apresentam uma realidade concreta e complexa como a relação do Theatro da Paz com o seu entorno, sua cidade e sua história. O ponto de partida, neste sentido, é a compreensão do que se considera como ‘musealização’ e o papel desempenhado pela comunicação neste processo representado por fomentar a preservação do espaço e buscar a aproximação do público durante as mediações ou visitas guiadas a fim de localizar as mesmas como parte integrante dessa relação.

Diana Lima (2013) aponta que afirmar que “tudo é passível de ser transformado em documento implica em afirmar que tudo é, em princípio, passível de musealização”, chamando atenção para o fato de que se tudo é musealizável, nem tudo pode ser um museu.

Essas reflexões identificam a importância de saber que nem todo documento deverá ser passível de musealização, pois um documento ou objeto só poderá passar por um processo de musealização quando for selecionado e seguir caminho pelos estágios de aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. Nestes termos, o foco deste trabalho nos instiga a buscar respostas sobre como musealizar um espaço cultural já patrimonializado, abordando as visitas guiadas como potenciais museológicos.

Segundo Bruno (1996), o processo de musealização se concretiza quando este processo consegue alcançar a sociedade e “há reciprocidade em relação às ações museológicas (aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação)”. Neste sentido, o processo pode ser iniciado durante a seleção do objeto do seu local de origem completando-se quando é apresentado publicamente por meio de exposições, ações educativas, etc.

A capacidade na qual se acredita que um teatro seja possível de ser não só exposto, mas também apresentado como um patrimônio local coletivo, compreendendo tanto sua estrutura física, quanto o que abriga e representa, está ligado a um “olhar diferenciado” que é exemplificado por Maroevic (1997) ao se referir sobre a musealidade como um “valor imaterial ou a significação do objeto” ao sair do seu “meio ambiente real” para o “meio ambiente museu” (MAROEVIC, 1986, p. 183), que possui representatividade diante dos fruidores deste bem, o que oferece um propósito de sua musealização.

Mediante os conceitos de Ivo Maroevic (1997), entende-se que a musealização pode ser conceituada a partir de um “processo que permite aos objetos viver dentro de um contexto museológico” e desta forma, dependendo do nosso olhar museológico, os objetos podem ser musealizados a partir de um processo que permite aos mesmos estarem situados dentro de um espaço museal, tratando-se de uma “ação de produção coletiva de sentidos”. (SOARES, 2012, p. 71).

Além disso, de modo especial, Maroevic (1993) afirma que no decorrer das últimas décadas, o desenvolvimento do pensar museológico nos proporcionou questionar o fato do patrimônio cultural e de seus elementos interpretativos e preservacionistas por um novo caminho. Nesta perspectiva, o autor entende que:

A conservação do patrimônio cultural é uma ação deliberada, tomada para prevenir sua destruição [...] dirigido para a manutenção e a preservação da integridade do patrimônio, para a criação de condições de sobrevivência e para a tomada de medidas para a manutenção de objetos e de conjuntos patrimoniais, com o objetivo de adiar sua inevitável decadência e para que possam ser preservados para o futuro. (MAROEVIC, 1993: 69-70).

Neste entendimento, percebemos a importância de preservar o patrimônio estudado neste trabalho ao propor a sua musealização a partir das mediações ou visitas guiadas que se apresentam claramente nas reflexões de Chagas (2003:18. p. 25) ao apontar que “[...] do imensurável universo do museável (tudo aquilo que é passível de ser incorporado a um museu), apenas algumas coisas, a que se atribuem qualidades distintas serão destacadas e musealizadas”. Nestes aspectos, podemos compreender que dependendo do nosso “olhar museológico” e do que iremos selecionar como um objeto que possa ser inserido no museu poderá adquirir uma qualidade museológica e vir a ser musealizado.

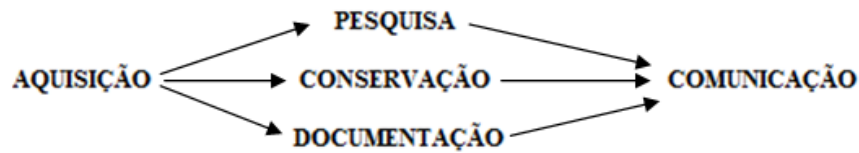
É importante identificar que o papel social dos museus pode ser caracterizado a partir da razão por que as pessoas frequentam este espaço ao compreender o caráter educativo e social das instituições em que ocorrem práticas de mediação cultural e o diálogo entre instituição, mediador e público visitante. Neste sentido, conforme Chagas; Nascimento (2008, a, p. 59), visitar um museu abre novos horizontes no sentido de atribuir significados às coisas, aos objetos e ao espaço que nos cerca analisando que os museus são locais de encontro e promovem variadas sensações.

Nestes aspectos, o principal papel social dos museus é preservar os seus bens culturais para que as futuras gerações possam conhecê-la, interpretá-la e identificá-la como a representação de um importante período histórico que precisa ser contínuo no que tange as ações preventivas e conservativas como uma das principais formas de perpetuar o que foi construído ou adquirido no decorrer do tempo e deixou o seu registro na história como um bem musealizado.

Neste contexto, com as premissas destacadas por Marília Xavier Cury (2005):

Em síntese, entende-se o processo de musealização como uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, documentação e comunicação. O processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de **atividades educativas** e de outras formas. (CURY, 2005, p. 26).

Imagem 1 - Diagrama do Processo de Musealização



Fonte: CURY: 2005, p. 26.

O diagrama acima representa as principais ações que um objeto precisa percorrer para que haja o estabelecimento do seu processo de musealização. Neste sentido, é importante pensar no processo de musealização não de forma linear, mas circular, pois o processo é garantido a partir de um círculo que é iniciado com a escolha ou aquisição de um objeto que posteriormente passará pelo processo de pesquisa, conservação e documentação associados a comunicação como num círculo vicioso gerador.

Pedro Manuel Cardoso (2010) complementa o conceito de Marília Xavier Cury (2005) ao afirmar que o processo de musealização está ligado à seleção de uma memória: "É um trabalho que tem por objetivo colocar na memória aquilo que é escolhido e selecionado conscientemente pelo ser humano como patrimônio" (CARDOSO, 2010, p. 284).

Em conformidade com a autora, podemos refletir que o processo de musealização pode ser realizado a partir do nosso olhar ou do que achamos que possa ser possível adquirir um caráter museológico mesmo que o objeto ou o espaço selecionado não sejam rigorosamente partes de um museu, mas estão presentes em outros locais onde podemos identificar características que se aproximam de uma instituição museal.

Nessa mesma linha de pensamento, Maria Lucia Loureiro (2012, p. 50) argumenta que o processo de musealização pode ser visto como uma estratégia de preservação caracterizada por ações voltadas à manutenção de determinados bens culturais, desde a sua proteção legal até os meios que contribuem para sua integridade, a partir de ações documentais designadas a registrar e transferir informações.

A autora argumenta ainda que "[...] a musealização abre um campo para diferentes olhares, novas perspectivas de estudo e possibilidades de confronto com outros documentos, textuais ou não textuais, o que favorece a produção de novas informações". Tais argumentos nos faz refletir sobre como a musealização pode estar inserida em diversos campos de estudo ao promover a sua integração a partir de outros pontos de vista conceituais.

Para Loureiro (2011), a musealização consiste em um grupo de processos seletivos de caráter info-comunicacional fundamentados na associação de valores relacionados aos

objetos ou coisas de variadas naturezas que lhe conferem a função de documento e que por essa razão tornam-se objeto de preservação e comunicação.

Dessa maneira, compreende-se que a musealização pode ser analisada a partir dos meios informativos demonstrando que os objetos apresentam um caráter comunicativo e, neste sentido, podemos pensar na hipótese do Theatro da Paz como um patrimônio cultural a ser musealizado.

Nesta perspectiva é proposto apresentar um museu em que haja a interação do público em geral independente de classe social, idade, gênero, sexo, cor, cultura, religião ou qualquer outro aspecto que possa transgredir os Princípios da Isonomia e da Dignidade da Pessoa Humana no que tange os dispositivos presentes no Artigo 5º⁴ da Constituição Federal Brasileira a seguir:

Art. 5º – Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes [...].

Nestes termos, é preciso que ocorra uma constante política de valorização no sentido de preservar sua vitalidade e função social, pois, de forma especial, percebemos a importância de preservar o espaço como uma maneira de propor a sua musealização a partir das atividades educativas figuradas pela mediação ou visita guiada como a grande mola propulsora deste trabalho.

2.2 QUESTÕES CONCEITUAIS DA COMUNICAÇÃO E COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA

Neste trabalho, a partir da abordagem teórica, a comunicação está presente como processo nas teorias comunicativas e sua aplicação nos museus como um fenômeno comunicacional relacionado ao indivíduo e a sociedade que podem ser analisados de acordo com as diferentes linguagens de comunicação, e seu papel na construção de um discurso expositivo estimulando a reflexão sobre as formas de comunicação observadas dentro de um processo histórico e cultural do museu como signo de fenômeno educativo e mediação comunicacional (CASALI, 2005).

⁴ Art. 5º CFB. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em 10 abr 2017.

As questões conceituais da Comunicação e Comunicação Museológica caracterizam um processo dialógico, ou seja, de interação entre o mediador, o visitante e o museu ou instituição cultural representada pelo Theatro da Paz.

De acordo com Marília Xavier Cury (2008, p. 270), a temática sobre comunicação em museus e a comunicação museológica são muito discutidas, mas é necessário diferenciar os seus conceitos. A comunicação em museus refere-se às ações ocorridas nos museus, enquanto a comunicação museológica está associada a uma subárea da Museologia. Neste sentido, a autora afirma que “[...] os dois termos estão ligados, mas é a comunicação museológica que fundamenta as ações comunicacionais em museus, além de construir conhecimento teórico”.

Nestes aspectos, Cury (2008, p. 270), aponta que o enfoque atual da comunicação é definido a partir da localização do público como participante do processo comunicacional. Dessa forma, o enfoque prioriza o espaço do visitante como o local fundamental para refletir sobre os aspectos da comunicação, até mesmo a comunicação museológica, ao entender a transferência do foco dos espaços para as ações relacionadas às mediações culturais.

Ao entender a comunicação e a comunicação museológica como atividades inseridas dentro do processo de musealização, portanto, uma forma de divulgação do conhecimento a partir de elementos expositivos, educacionais e ações sócio-culturais, Cury (2008) nos faz refletir que o conhecimento é transmitido e compartilhado durante as mediações com o principal objetivo de ensinar, instigar e fazer com que o público possa formar opiniões acerca da experiência das visitas, e seus contatos junto ao ambiente do teatro e os monitores/mediadores, contribuindo com opiniões referentes aos conteúdos presentes no espaço e durante o acompanhamento.

Cury (2006, p. 69-74) reflete ainda sobre a ampliação de consciência sobre a comunicação do patrimônio cultural musealizado entendendo que “[...] há um modelo emergente de comunicação museológica que compreende a comunicação como parte integrante da cultura pela participação no processo de (re) significação cultural”. Esta participação pode ser individual ou coletiva.

Neste contexto, a autora aponta a comunicação como a interação entre emissor e receptor a partir da troca do significado da mensagem por uma relação próxima entre o museu e o público afirmando que:

É na interação que as mediações se revelam, da mesma forma que os diversos atores sociais. Nesta perspectiva, o sentido maior do processo comunicacional está na circulação da significação e, para o museu, a apreensão social dos discursos museológicos se efetivaria na circulação da significação. (CURY, 2006, p. 75).

Dessa forma, podemos relacionar este conceito aos elementos da ciência da informação quando este oferece “[...] novas perspectivas de estudo e possibilidades de confronto com outros documentos, textuais ou não textuais, o que favorece a produção de novas informações”. (LOUREIRO, 2012, p. 51).

Além disso, de modo especial, podemos observar que a musealização não é estática, pois pode se conectar a outras áreas do conhecimento tornando-a abrangente e de possível integração, em especial, com elementos comunicativos informacionais presentes nos documentos e na própria mediação que, segundo Maroevic (1993), proporcionará uma compreensão dos valores patrimoniais porque pode ser transmitida às pessoas no decorrer das gerações e refletir na eficácia das ações de preservação.

Cury (2008, p. 34) descreve a comunicação museológica como “a denominação genérica dada às diversas formas de extroversão do conhecimento em museus como materiais didáticos em geral, vídeos, filmes, palestras, oficinas e materiais de divulgação e difusão”. Para a autora, podemos representar a exposição como uma das principais formas de comunicação em museus, pois o público tem a oportunidade à poesia das coisas ao interagir com as mesmas a partir do processo comunicacional existente.

Para Russio (1989), a comunicação é a existência da troca de informações decodificadas por um significante e um significado que compartilham ideias e experiências na linguagem verbal ou visual presente nas relações mediador-visitante e objeto-visitante. Em contrapartida, em relação às questões referentes à comunicação, Scheiner (2003, p. 2) argumenta que “[...] é no plano afetivo que se elabora a comunicação: é no afeto que a mente e o corpo se mobilizam em conjunto, abrindo os espaços do mental para novos saberes, novas visões de mundo, novas experiências e novas possibilidades de percepção [...]”.

É importante ratificar que os pensamentos de Waldisa Russio e Teresa Scheiner se contrapõem quanto aos aspectos conceituais da Comunicação. Enquanto Russio (1989) defende a ideia de uma comunicação baseada na troca de informações e compartilhamento de experiências na linguagem verbal e visual, Scheiner (2003) defende a ideia da Comunicação a partir de um plano afetivo, com novas experiências e percepções.

Nestes aspectos, é possível perfeitamente compreender o argumento das autoras, e concordar plenamente com o pensamento de Russio (1989), pois observa-se que o processo comunicativo deve ser baseado no processo dialógico por meio dos signos linguísticos (significante e significado). Além disso, ratifica-se a partir dos apontamentos da autora, que a linguagem verbal e visual são peças fundamentais para que haja o sucesso do estabelecimento das relações durante as ações de mediação ou visitas guiadas.

Nesta perspectiva, o processo comunicativo torna-se eficaz e ressalta a importância das relações entre Comunicação e Museologia que deverão estar presentes nas falas dos mediadores durante as mediações ou visitas guiadas ao apresentarem características históricas e culturais do espaço, assim como o próprio ato de mediar identifica um denominador cultural que pode ser identificado como um elemento cultural participante nas ações interpretativas de um patrimônio musealizado.

De acordo com Santaella (2004, p. 33), o processo de comunicação “está longe de ser um campo unificado”. Portanto, verifica-se que o setor comunicacional pode estar associado a inúmeras áreas de atuação dentre as quais podemos destacar a Museologia que está intimamente relacionada ao diálogo, influência, troca e interação de conhecimentos.

Nestes termos, Santaella (2004, p. 36) ainda afirma que “é preciso que existam pelo menos duas entidades e um meio de conexão entre ambas”, entidades que podem ser encontradas durante as visitas guiadas a partir do emissor representado pelos mediadores e o receptor representado pelo visitante que pode participar ativamente do processo ao interagir e trocar informações sobre suas experiências durante outras visitas já realizadas no mesmo local com a atuação de outro mediador ou outra instituição.

Nessa linha de pensamento, é importante que as instituições que atuam com ações de mediação apresentem:

Uma ação educativa que consiga fazer um determinado público discutir a mensagem que está recebendo e inverter o significado dessa mensagem ou mostrar que a mensagem pode ser interpretada de diversos modos propondo uma ação para impelir o público a controlar a mensagem e suas múltiplas possibilidades de interpretação. (ECO, 1984, p. 174).

Diante dessas observações, percebe-se que para estabelecer um processo comunicativo é necessário que ocorra a troca informacional mediante a existência de subjetivas interpretações reconhecidas por Santaella (2004, p. 49) como o “protótipo de um processo de comunicação representado pelo diálogo onde ocorre uma troca de papéis fazendo com que o emissor torne-se receptor e o receptor, emissor”.

Torna-se importante destacar que o visitante deixou de ser apenas um receptor de informações e passou a interagir com o mediador a partir de seus conhecimentos e observações pessoais.

Conforme Hooper-Greenhill (1999a) este tipo de comunicação como um processo cultural acontece numa via de mão dupla entre os especialistas e o público numa troca de saberes e experiências produzidas pela troca de informações. Neste sentido, é possível destacar, em especial, a comunicação interpessoal que é restringida a um público diferenciado por exigir um conhecimento caracterizado por uma grande interatividade com os seus mediadores tornando-se um tipo de comunicação muito comum nas visitas guiadas e durante outras atividades promovidas pelos museus.

Santana (2011, p.19) afirma que “os significados e os sentidos culturais construídos por indivíduos e grupos de indivíduos estão hoje submetidos às mais diversas mediações em que cultura e comunicação tornam-se inseparáveis”. Diante da afirmativa, podemos perceber que a comunicação está presente nas mais diversas nuances das percepções dos indivíduos a partir de ações culturais e educativas de mediação ou visitas guiadas.

Partindo deste princípio, Geertz (1978, p. 15), afirma a ligação entre comunicação e cultura baseado em sua definição conceitual sobre o olhar semiótico em que o indivíduo é preso aos significados a partir de suas próprias concepções. É a partir desse conceito que podemos identificar o papel fundamental da comunicação na sociedade, pois é através das relações interpessoais que compartilhamos nossos experimentos, criações e questionamentos sobre a realidade.

Nesta linha reflexiva, Barbero (1995, p.40) afirma que [...] “comunicar é fazer chegar uma informação, um significado já pronto, já construído, de um pólo a outro.” Nestes aspectos, torna-se de fundamental importância a utilização teórica deste autor, pois é um dos principais pesquisadores que escrevem sobre o fenômeno da comunicação e estudos culturais contemporâneos que podem ser identificados no processo comunicativo museológico das visitas guiadas especialmente durante a mediação-recepção do público visitante.

Diante do argumento, o autor nos faz refletir sobre o fato da comunicação poder transmitir um significado pronto, mas, em contrapartida, sabemos que este significado pode sofrer alterações a partir do que foi decodificado ou interpretado pelo receptor.

Cury (2008, p. 35) afirma ainda que os elementos expositivos são a parte que visualmente se manifestam para o público, além de uma grande oportunidade dos museus

serem reconhecidos pela sociedade e dessa forma poder garantir o seu compromisso institucional.

Nesta perspectiva, podemos perceber que o processo comunicativo apresentado durante as visitas guiadas do Theatro da Paz se aproximam das relações comunicativas museológicas ao serem reconhecidas como uma maneira especial de difundir elementos informativos que são fundamentais na aproximação do público visitante a este espaço cultural que dialoga com as mais variadas expressões da arte sendo importante enfatizar que a comunicação não se encontra presente somente nas visitas guiadas, pois também está inserida nas relações interpessoais entre os funcionários, nas demais ações educativas que envolvem a participação estudantil em diferentes faixas etárias, com idosos e nos próprios espetáculos que comunicam dentro e fora do teatro.

Observa-se que essas ações são especialmente observadas nos dias de encerramento dos Festivais de ópera que ocorrem anualmente durante o mês de agosto no Theatro da Paz quando a proposta é agregar o maior número de pessoas com o objetivo de inseri-las a uma cultura musical mais elaborada e elitizada.

Diante dos argumentos citados anteriormente, podemos perceber que a comunicação está presente no próprio processo interativo da comunicação, ou seja, desde o momento em que o ouvinte compreende o falante, período em que a comunicação inicia o seu processo informacional e se articula com outros meios informativo-comunicacionais.

Nessa linha de pensamento, Eilean Hooper- Greenhill (1994) afirma que existem outros tipos de comunicação: A Interpessoal ou direta, que é estabelecida entre o corpo técnico do museu e os visitantes; e a Comunicação de Massa ou indireta que é dedicada a um grande público e, em geral, é realizada durante as exposições e publicações funcionando como meios comunicativos. Em contrapartida, este tipo de comunicação tem como alvo um público “[...] indiferenciado em que não existe um conhecimento específico sobre quem é o visitante”. (GREENHILL, 1994, p. 02).

Além disso, de forma especial, a comunicação no viés interativo pode apresentar vários conceitos dentre os quais podemos destacar conforme Rafaeli (1998) ser “o estágio no qual dentro de um processo de comunicação, cada mensagem está relacionada a uma mensagem previamente enviada ou transferida”. Nesta mesma linha de pensamento, podemos compreender que a interatividade precisará ativamente de um receptor que possa interpretar todos os sinais emitidos. Além disso, de forma especial, a interatividade comunicacional

também pode ser encontrada nas redes sociais, internet, computadores, celulares, jogos eletrônicos, dentre outros.

Diante dessas informações, é importante pensar a comunicação como um processo intimamente ligado com os demais elementos da musealização representados pela aquisição, pesquisa, conservação e documentação, pois não havendo a seleção prévia de um objeto e a sua passagem pelos demais processos, não poderia ser estabelecido o processo de musealização.

Estes aspectos conceituais são importantes para pensar que uma ação depende da outra, ou seja, para que haja o processo de musealização de um objeto, é necessário a vontade de preservação.

3. MEDIAÇÃO E A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA

Neste capítulo, abordaremos a importância da mediação presente nas visitas guiadas do Theatro da Paz relacionada à comunicação museológica que pode ser proposta às ações do teatro que estão intimamente conectadas aos processos de mediação.

Nessa abordagem, observa-se que as mediações presentes no Theatro da Paz se aproximam das relações comunicacionais existentes entre mediadores e visitantes observadas nos museus a partir do diálogo com o público visitante ao manifestarem as interpretações dos mesmos sobre os objetos.

Ao compreender as visitas guiadas dentro do contexto de musealização e comunicação, acredita-se que existe uma forma de expor que pode ser observada e considerada como uma das principais ações e fatores que possibilitam os estudos sobre o potencial museológico do Theatro da Paz devido o seu poder informativo e suas relações de comunicação. Dessa forma, Cury (2008, p.44), conclui que “o processo de visitação é a apreciação em si mesma, aquela realizada pelo próprio público que, em sua mente, recria o discurso expositivo”.

Essas reflexões auxiliam no entendimento sobre as visitas guiadas e a relação mediador-visitante trazendo elementos que propiciam aos visitantes pensar sobre a mediação realizada dentro de instituições que poderão ser passíveis de musealização.

Imagem 2 - Visita Guiada



Foto: Bruno Braga (2017)

Imagem 3 - Visita Guiada



Foto: Bruno Braga (2017).

3.1 DEFINIÇÃO DE MEDIAÇÃO: O PAPEL DO MEDIADOR E DA VISITA GUIADA

Neste subcapítulo, aborda-se a importância de conceituar a mediação como um elemento dialógico do conhecimento a partir do processo comunicativo informacional presente nas ações de mediação ou visita guiada e identificar o papel do mediador durante as mesmas.

Imagem 4 - Visita Guiada



Foto: Bruno Braga (2017).

Imagem 5 - Visita Guiada



Foto: Bruno Braga (2017).

Segundo Nascimento (2008), a mediação é uma palavra originada do grego *mesou* e do latim *mediatio* que podem ser denominadas como conciliação, intervenção, intercessão e interferência. Neste sentido, o conceito de mediação pode representar a prática de um agente mediador funcionando como um terceiro elemento durante a interação do indivíduo com o objeto.

De acordo com Barbosa (2009), a mediação pode ser analisada a partir de um conceito educacional que vem sendo construído ao longo do tempo e apresenta o museu como o local de experimento da mediação, pois são considerados verdadeiros laboratórios onde há o conhecimento da arte apresentado nos museus e exposições. Neste sentido, a autora ressalta que:

O prestígio dos departamentos de educação dos museus de arte é muito recente, embora ainda haja enorme resistência por parte dos curadores, críticos, historiadores e artistas à ideia do museu como instituição educacional [...]. (BARBOSA, 2009, p. 13-14).

Ana Mae Barbosa (2009, p. 17) explica como forma de fundamentar com propriedade a origem das mediações, que as primeiras atividades educativas em museus foram organizadas em 1950 por Eylá Castanheira e Sígrid Porto no Estado do Rio de Janeiro.

De acordo com a entrevista realizada com a direção, mediadores, o funcionário aposentado e demais funcionários do Theatro da Paz, as atividades de mediação ou visitas guiadas iniciaram aproximadamente no final dos anos 90 e permanecem até os dias atuais.

Segundo relatos dos mediadores, a ação educativa não está fixada apenas nas visitas guiadas convencionais, pois a instituição também recebe agendamento para receber outros

tipos de visitantes, tais como de escolas públicas e privadas e clubes de senhores da terceira ou “melhor idade” que geralmente são acompanhados pelos seus próprios guias para fazer o circuito de visitação no interior e nas regiões do entorno do teatro, representados pela Praça da República, Praça da Sereia, Cinema Olympia, Theatro Waldemar Henrique, dentre outros locais que seguem rumo aos principais pontos turísticos do Centro Histórico de Belém.

Barbosa (2009, p. 36-37) reflete ainda que a mediação e a cultura estão relacionadas a um processo interpretativo que funciona a partir de uma representação mediadora por meio de um intercessor e um terceiro resultante de um conhecimento estabelecido.

Nestes aspectos, a autora afirma que a mediação cultural apresenta solidez a partir da existência das relações do objeto cultural mediado com as representações, crenças, conhecimentos do mediador e o mundo cultural de referência associados aos determinantes sociais ligados ao processo de transmissão dos valores, saberes e emoções.

Imagem 6 - Visita Guiada



Foto: Bruno Braga (2017).

Imagem 7 - Visita Guiada



Foto: Bruno Braga (2017).

Conforme Barbosa (2009), a mediação pode ser caracterizada por duas abordagens classificadas em:

Diretiva- Fornece um sistema interpretativo com um único tipo de compreensão do objeto cultural e sistemas interpretativos que se articulam ou não a trabalhar conjuntamente;

Construtivista- Por meios práticos, interativos, problemáticos e interrogativos que contribuem para o surgimento da construção de um ou mais processos interpretativos pelo destinatário da mediação. (BARBOSA, 2009, p. 37).

Além disso, de forma especial, a mediação apresenta três tendências denominadas:

Imersão- quando o processo de mediação ocorre de modo não formal no meio cultural;

Diretivo- quando há transmissão de conhecimentos “eruditos” daqueles “que sabem” para aqueles “que não sabem”;

Construtivistas- quando as mediações são uma negociação interativa entre os processos de troca. (BARBOSA, 2009, p. 37).

Essas abordagens nos permite compreender que a mediação não é estática e não está associada a um único tipo conceitual, pois apresenta classificações e tendências que demonstram outras formas de como a mediação pode ser realizada, seja por meios interpretativos articulados por um único tipo de compreensão denominado de Mediação Diretiva; por meios questionadores, investigativos, interativos e práticos na construção de mais de uma interpretação denominado de *Mediação Construtivista*.

Imagem 8 - Visita Guiada



Foto: Bruno Braga (2017).

Conforme Martins (2010) o conceito de Mediação é considerado um “termo plural”, pois poderão existir variados conceitos de mediação e de mediador nas mais diferenciadas áreas do conhecimento. Assim, encontra-se em Yazbek (2008) que a mediação é a categoria que dá direção e qualidade à prática, resultando na interação entre as pessoas.

Para Cury (2009), a mediação está presente em todos os procedimentos do museu, partindo da curadoria até o trabalho expositivo. Dessa forma, podemos compreender a partir do apontamento de Cury (2009), que a mediação não é sinônimo das visitas guiadas, pois em seu pensamento a mediação deve percorrer por todos os procedimentos comunicativos museológicos.

Neste pensamento, Almeida Júnior (2009) argumenta que a mediação é um processo que vai além do contato direto com o visitante, pois defende que é na organização informacional que o trabalho de mediação está presente.

Além da visita guiada, existem outros elementos que podem ser considerados dentro do processo de mediação, tais como a identificação dos aspectos históricos, sociais, técnicos, artísticos e científicos envolvidos durante a comunicação da mediação. Estes conhecimentos estimulam o visitante a utilizá-los tanto para uma análise pessoal, quanto para discutir com os demais visitantes. (MARANDINO, 2008, p. 20)

Para um melhor entendimento sobre as ações de mediação, Marandino (2008) traz importantes questionamentos referentes ao planejamento didático que deverá ser utilizado durante as mesmas e instiga o papel do mediador durante a visita ao querer saber se:

a mediação é centrada no mediador ou no visitante; se é uma visita centrada nos objetos, se incorpora outros elementos além daqueles disponíveis na exposição; se há imprecisões conceituais na fala do mediador; em quais situações ocorrem; e se o que apresenta mais destaque na fala do mediador são a contextualização ou os objetos propriamente ditos (MARANDINO, 2008).

Nestes aspectos, podemos compreender que a mediação pode ser situada para vários aspectos além da relação convencional mediador-visitante, pois poderá ser centralizada nas informações do mediador como um ser ativo e o visitante como um ser passivo; no visitante como um ser “ativo” no sentido de levar os seus questionamentos e conhecimentos prévios sobre o que está sendo visualizado e apresentado a partir das imagens sem que haja a interferência de um terceiro a não ser que seja solicitado. Neste caso, o mediador assumiria a função “passiva” no sentido apenas de contribuir com que o visitante já havia trazido como conhecimento.

Além disso, a mediação também pode ser centralizada nos objetos e nos demais elementos expositivos sem que haja necessidade de um mediador ou pode ser centralizada na contextualização dos objetos a partir da fala ou comunicação do mediador.

Numa perspectiva social e cultural, a função do profissional mediador está em ajudar no sentido de situar e interpretar informações para os visitantes. Desta forma, as funções de mediação podem ser divididas de acordo com Nascimento (2008, p. 12), como:

Ligação de uma forma estática entre o sujeito e os objetos; transformação de um significado atribuído pelos sujeitos a objetos de hierarquias diferentes e transformação de significados a partir de ações do sujeito sócio histórico sobre os objetos das culturas (NASCIMENTO, 2008, p. 12).

Para Marandino (2008), os mediadores são o principal veículo de comunicação com o público e devem proporcionar o diálogo com os seus visitantes no sentido de trazer novas informações acerca dos objetos em exposição atribuindo-lhes novos significados, todavia, é necessário que o visitante apresente a sua percepção e faça suas próprias reflexões a partir do que foi dialogado durante a mediação.

Neste sentido, Marandino (2008, p. 20) aponta sobre a importância de elaborar estratégias que estimulem processos educativos e comunicativos durante ações participativas, importante na produção de autoconhecimento dos mediadores.

Neste caso, é fundamental que o mediador apresente formação na área educativa e construa o seu conhecimento e suas habilidades no decorrer do processo das ações educativas do museu ou em qualquer outra instituição onde a mediação se faz presente. Em contrapartida, para (BICHERI, 2008 apud DE PAULA, 2012), os mediadores e a mediação não estão relacionados a uma única atividade específica e podem ser:

[...] o professor, um padre, um pastor, um escritor, um jornalista, um apresentador de TV ou rádio, um bibliotecário, um crítico de cinema, entre outros. Cada mediador tem sua importância. Os mediadores do conhecimento favorecem a interação entre pessoa e objeto do conhecimento, propiciando a construção, divulgação, disponibilização e reconstrução do conhecimento. Tais mediadores podem se dividir em incontáveis profissões nos diferentes estratos sociais e culturais de uma comunidade, seja ela letrada ou popular (BICHERI, 2008, p. 94).

É importante perceber que para ser um bom mediador, é necessário que se tenha habilidade comunicativa independente da sua formação profissional e as informações sejam conduzidas de forma sucinta e de acordo com o contexto onde a mediação está inserida, pois a troca com o visitante (receptor) é fundamental para que haja o sucesso do estabelecimento comunicativo.

Conforme De Paula (2012, p. 49), há duas compreensões sobre mediação e mediador, que podem ser classificadas como neutra e histórica. A classificação neutra identifica as atividades dos profissionais de diversas áreas, tais como as Ciências Sociais, Psicologia, Educação, Comunicação, mediação de conflitos, que atua em outras áreas além do Direito e outras.

Neste entendimento, percebemos que o profissional deve manter a neutralidade e que o seu trabalho não poderá prejudicar ou intervir na realidade dos indivíduos com os quais o mediador está atuando, devendo sempre considerar a atuação com objetivos políticos e sociais, que mesmo defendendo a imparcialidade, a atuação deverá ser o contrário, pois no trabalho dos indivíduos não se acredita na neutralidade.

Na classificação histórica ou marxista, as ações humanas são transformadoras da realidade e também são encontradas nas áreas da Comunicação, Ciências Sociais, Psicologia, Educação e outros, finalizando a discussão a partir de uma temática, que em conformidade com Nascimento (2008), sugere ser resultante da ação humana sobre o mundo a partir da produção de objetos que atuam como mediadores entre a natureza e os indivíduos (NASCIMENTO, 2008, p. 11).

Para analisarmos o trabalho do mediador, Nascimento (2008, p.12), enfatiza que o mesmo possui “a função social de auxiliar o indivíduo a perceber e interpretar seu ambiente” durante o processo de abordagem sociocultural ou histórico-cultural atuando na interferência entre o objeto de conhecimento e quem está aprendendo.

Nesta perspectiva, Ana Mae Barbosa (2009, p. 37) afirma que o mediador como um intérprete está inserido no processo semiótico elementar com o objetivo de facilitar, desenvolver, efetivar, enriquecer, ampliar e questionar o processo interpretativo. Segundo a autora, o mediador profissional pode escolher ou auxiliar na escolha ou elaboração dos interpretantes de acordo com o tipo de mediação utilizada.

Barbosa (2009, p. 37) argumenta que um mediador cultural seleciona ou contribui para co-elaborar os interpretantes no campo cultural onde está localizado baseado em suas concepções e, além disso, precisa dialogar com os interesses de cada grupo ou indivíduo observante deixando bem claro que cabe ao observador escolher o que deve analisar com o auxílio do mediador.

Tais questões podem ser identificadas nas ações de mediação ou visita guiada do Teatro da Paz ao analisarmos que o mediador atua na função especial de proporcionar ao

público visitante a percepção sobre si e o espaço em que está inserido. Nestes aspectos, a visita guiada encontra-se associada ao processo de musealização visto que há o estabelecimento do processo informativo, dialógico e comunicacional utilizados como uma importante ferramenta de preservação presentes na conservação, preservação e documentação dos objetos inseridos nos museus ou em outras instituições culturais.

Dependendo do tipo de museu apresentado, é importante analisar de que forma as visitas guiadas podem ser benéficas ou apresentar deficiências referentes especialmente aos fatores de acessibilidade (Sistema Braille, Libras), mediadores capacitados, além dos locais de acesso para cadeirantes e portadores de órteses, próteses e outras necessidades. Neste sentido, é fundamental que haja treinamentos técnicos especializados que de fato possam envolver todo e qualquer tipo de necessidade especial básica para garantir a melhoria e atendimento com sucesso.

3.2 AS MEDIAÇÕES COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA: DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÃO E APROXIMAÇÃO DO PÚBLICO

Este subcapítulo aborda a relevância das mediações funcionando como grande estratégia da educação em museus, assim como na disseminação de informações e/ou troca de conhecimentos a partir da aproximação do público durante a relação mediador-visitante e, além disso, demonstrar a importância da educação patrimonial em aspectos gerais e nos museus como um elemento fomentador de consciência, educação e preservação.

As visitas guiadas estão associadas à disseminação de informações ao pensar nos elementos que possibilitam estas ações, tais como as relações dialógicas presentes no processo de comunicação por meio da linguagem verbal e /ou visual entre o mediador e o visitante e os objetos e visitante.

Conforme Desvallées e Mairesse (2013, p. 52-54), a mediação representa a ação de equilibrar duas ou mais partes com aquilo que está sendo transmitido, ou seja, o visitante do eu com aquilo que lhe é ofertado a perceber, visualizar e pensar a mesma como uma instituição cultural que agrega os agentes de uma coletividade. Neste sentido, observam que é um dos modos da mediação de sua cultura que um indivíduo passa a entender o mundo e sua própria identidade refletindo, ainda, que no campo museológico, o termo mediação foi utilizado com mais habitualidade nos países francófonos europeus como “*mediação cultural*”, “*mediação científica*” e “*mediador*”.

Para os autores, as ações de mediação no contexto museal possuem a finalidade de estabelecer as relações entre os elementos expositivos e o que eles podem representar por meio do conhecimento e das experiências vivenciadas pelos visitantes durante a interação social da visita como um elemento estratégico comunicacional de função educativa.

Na reflexão de Marandino (2008), para que haja qualidade na formação do indivíduo para apresentar um serviço educativo, é fundamental a eficácia do papel social dos museus. Neste sentido, é preciso que haja políticas governamentais educativas que visem à necessidade de qualificar estes profissionais para que possam aprender e conseqüentemente devolver à população um serviço de qualidade e satisfatório para todos.

Após a qualificação do profissional mediador, é importante elencar a importância da aproximação do público ao refletir que não basta apenas dizer que o Theatro da Paz apresenta potencial museológico, pois dentro destes aspectos é visto que há um grande desperdício referente a este potencial referente aos aspectos sociais que acabam afastando a população, em especial, as camadas menos favorecidas da região metropolitana de Belém, pois o Theatro da Paz sempre foi visto como um local elitista, da burguesia, que jamais abriu suas portas para a grande população.

[...] durante muito tempo os museus funcionaram com o objetivo de preservar os registros memoriais das classes mais abastadas, mas, atualmente, o museu está passando por um processo de democratização, ressignificação e de apropriação cultural (CHAGAS; NASCIMENTO, 2008a, p. 59).

Podemos problematizar que não basta o Theatro da Paz estar aberto. É preciso pensar numa musealização democrática presente nas funções da Museologia Social a partir da criação de mecanismos onde haja a presença ativa de um público variado que possa desmistificar a ideia de que para entrar no teatro, é preciso fazer parte de uma elite cultural especializada, estar bem vestido e observar de que maneira os espetáculos já existentes no circuito cultural juntamente com as visitas guiadas possam chamar atenção para as outras ações existentes no mesmo.

Neste sentido, Barbosa (2009, p. 21) afirma que por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica e criativa de maneira que se possa transformar a realidade.

É importante perceber que apesar da existência das visitas guiadas e outras ações educativas presentes no Theatro da Paz a preços populares ou gratuitos, o mesmo ainda é visto como um local frequentado por ricos, herança cultural trazida juntamente com o período de sua construção durante o Ciclo da Borracha quando Belém foi considerada uma das

principais capitais do país e o teatro era apenas frequentado pela nobreza da época deixando o povo às margens da sociedade e alienados culturalmente.

É necessário e fundamental fazer das visitas guiadas um dos principais meios de acesso ao teatro além das apresentações regulares de sua programação, pois não pode ser a única porta de entrada a se conectar com o público, fato que nos leva a refletir sobre a Museologia Social que segundo Mario Moutinho (1993, p. 07) “[...] traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas às condições da sociedade contemporânea”.

Nesta perspectiva, podemos compreender a Museologia a partir da necessidade de se adequar às mudanças sociais que são refletidas nas instituições museológicas por identificar a realidade sociocultural da população integrando-a com a “visão de conjunto de seu meio material e cultural” (ARAUJO e BRUNO, 1995, p. 24).

Diante da Museologia Social torna-se viável a possibilidade de integrar a comunidade aos bens patrimoniais, em especial, aos espaços de comunicação presente nas visitas guiadas fazendo o fechamento do ciclo comunicacional com o retorno do público visitante como um elemento fomentador do possível potencial museológico do Theatro da Paz.

Após as reflexões sobre as mediações como meio de comunicação museológica a partir da disseminação de informação e aproximação do público, abordaremos a importância da Educação Patrimonial considerando o conceito de *Patrimônio* que, historicamente, segundo Barreto (2010), no século XVIII, iniciou-se o uso do termo *Patrimônio* na França, quando o poder público começou a tomar as primeiras medidas de proteção aos monumentos de valor histórico para as nações voltadas para os bens protegidos por lei e pelos órgãos que o constituem, nomeando um conjunto de bens culturais, históricos e arquitetônicos de uma dada nação.

3.3 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O Patrimônio Cultural, segundo o Departamento de Patrimônio Histórico Artístico Cultural (DPHAC, 2002, p. 14): “[...] é herança histórica, artística, científica e técnica dos diversos povos, culturas e civilizações. São valores que perduram, permitindo ao homem estabelecer uma ligação entre o passado, o presente e o futuro”.

Sendo o Patrimônio considerado os bens oriundos da manifestação da cultura de um povo, segundo Maia (2008, p. 3), pode-se entender que:

O direito à memória é garantido quando a comunidade toma consciência do seu papel fundamental de guardião do próprio patrimônio, passando então a impedir a degradação e a destruição do meio ambiente, imóveis e objetos culturais, numa ação de salvaguarda preventiva. Uma eficiente política de preservação deve ser integrada à comunidade, atingindo a educação em todos os níveis, conscientizando crianças, jovens e adultos da necessidade de manter viva a herança cultural que nossos antepassados nos legaram desde as eras primitivas.

A visão que se tem de patrimônio histórico ou patrimônio cultural é que deve ser um elemento considerado bem de uso público para efeito de desfrute, porém, deve ser preservado para que sua projeção social e cultural se estenda sobre as culturas e hábitos de uma sociedade para que, com isso, possam surgir legislações que salvaguadem a preservação desses bens.

As estratégias de preservação do patrimônio histórico, bem como a manifestação de fatos artísticos e culturais historicamente registrados se posicionam no contexto da memória da sociedade, objetivando-se, assim, melhorar a percepção das informações que tal patrimônio histórico possa despertar a representação da memória social.

Observa-se, portanto, que o Patrimônio Cultural é aquilo criado pela natureza ou pelo homem despertando o interesse da sociedade para manter preservado o seu valor histórico, artístico, arquitetônico, ecológico ou costumes de um povo e, assim, a partir das definições de patrimônio histórico e cultural, percebe-se o valor do processo de Educação Patrimonial na valorização, preservação e manutenção dos bens materiais e imateriais de uma dada localidade e/ou sociedade.

A Educação patrimonial foi estabelecida pela primeira vez no Brasil, em 1983, durante a realização de um seminário no Museu Imperial de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, objetivando apresentar uma metodologia inspirada em iniciativas pedagógicas que inicialmente foram adotadas na Inglaterra e tinham como ideia central a utilização de fontes primárias como ferramenta didática em escolas. (HORTA, 2005; HORTA, GRUNBERG & MONTEIRO, op.cit.). Segundo as autoras, não há como separar a prática educacional do ideal cultural de patrimônio, o que faz com que a expressão *Educação Patrimonial* torne-se um pleonasma (CHAGAS, 2006; BEZERRA, 2006).

A cultura material é um elemento fundamental no processo de alfabetização cultural denominado a partir dos conceitos de Paulo Freire ao demonstrar a visão de uma prática educativa baseada nos elementos culturais que, em conformidade com Silveira e Bezerra (2007, p. 83), vêm demonstrar que as dificuldades da Educação Patrimonial já se encontravam presentes em ações educativas no Brasil.

Neste contexto, Segundo Sandra Pelegrini (2006),

[...] o ensino sistemático e contínuo da população através das metodologias da Educação Patrimonial precisa partir da ideia de que a sociedade que não respeita o patrimônio cultural e natural em toda a sua diversidade, corre o risco de perder a identidade e enfraquecer seus valores mais singulares, inviabilizando o exercício da cidadania. Assim, deve promover a formação e a informação acerca do processo de construção das identidades étnicas e possibilitar o desenvolvimento de reflexões em torno do significado coletivo e plural da história e das políticas de preservação (PELEGRINI, 2006).

Para Silveira e Bezerra (2007, p. 83) o patrimônio cultural do Brasil não está resumido apenas em objetos históricos e artísticos, mas também em edificações que representam a memória nacional aos centros históricos protegidos pelos institutos governamentais. Neste sentido, o diálogo constante que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, fato que possibilita a troca de conhecimento, proteção e valorização desses bens.

Neste contexto, a Educação Patrimonial, de acordo com Hedlund e Chagas (2009, p. 6) pode ser definida como “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”. Para os autores:

A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural (HORTA *et al*, 2009, p. 6).

Portanto, a Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que permite a compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal, considerando-se o desenvolvimento da percepção cultural⁵ elaborada em uma experiência concreta de educação.

Segundo Grassi (2008, p. 116), a Educação Patrimonial permite a construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento, com o estímulo à aquisição de novos conhecimentos. Assim, levando em consideração que o Patrimônio Histórico e Cultural agrega ao mesmo tempo valor, interesse, história, informação, cultura e arquitetura, também adiciona as características correspondentes às origens de um povo, os quais se tornam alvo de investigação, em especial por parte de historiadores e profissionais que atuam na área,

⁵ Conjunto de procedimentos educativos que possibilitam desenvolver o potencial dos sentidos, visando à captação e o reconhecimento dos elementos e características da própria cultura (HEDLUND; CHAGAS, 2009).

reconhecendo sua importância enquanto repasse de informações para outros como parte de um processo educacional em diversos aspectos, como a composição histórica, arte, cultura, museologia, arqueologia, dentre outros, que impulsionam a pesquisa, preservação e manutenção de um Patrimônio Histórico e Cultural.

Ao trazermos estes conceitos para o objeto de estudo deste trabalho, podemos identificar que as visitas guiadas que ocorrem no Theatro da Paz podem se aproximar de uma perspectiva processual museológica, ou seja, como uma proposição de que essas ações venham a ser caracterizadas como um processo museológico já que ocorrem em espaços diferentes dos museus. Neste pensamento, a percepção do visitante pode ser identificada como um importante elemento da ação museológica, pois caracteriza uma relação social.

Neste pensamento, a percepção do visitante pode ser identificada como um importante elemento da ação museológica, pois caracteriza uma relação social a partir da relação dialógica, informativa e comunicacional como elementos fomentadores do objetivo desta pesquisa.

4 O POTENCIAL MUSEOLÓGICO DO THEATRO DA PAZ: UM ESTUDO DE CASO

Este capítulo aborda questionamentos que nos leva a pensar de que forma ou quais caminhos se pode efetivamente fazer com que o Theatro da Paz seja vislumbrado dentro de um processo de musealização e o que poderá ser proposto a partir do seu possível potencial museológico.

É importante que haja o desenvolvimento de uma possível análise antropológica que possa demonstrar de que forma o Homem está inserido na sociedade e no contexto museológico em questão, além das atividades de visitação guiada, tais como a inserção de outras ações educativas no entorno e dentro do teatro, exemplificados como animação cultural, jogos de entretenimento, lazer, turismo, diversão e educação funcionando como meio de convidar o público para conhecer o espaço.

Para realizar o estudo de um potencial museológico, é preciso primeiramente saber o conceito de museu, quais os seus discursos e qual a sua contribuição crítica ao pensar no posicionamento dos museus tradicionais ao modelo comunicacional presente nas instituições que promovem as visitas guiadas.

De acordo com o Estatuto de Museus que criou a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009⁶:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Para Suano (1986, p. 10), o museu caracteriza-se a partir de uma coleção de espécies de variadas tipologias e teoricamente está associado à “educação ou diversão de qualquer pessoa que queira visitá-lo”. Neste sentido, o museu dentro de suas variedades torna-se um elo de comunicação com o público visitante inserido numa perspectiva educacional e entretenimento.

Após sabermos o que é um museu, podemos adentrar em outras searas e perspectivas museológicas dentre as quais destacam-se os conceitos de Chagas (1994, p. 51-54) ao analisarmos de que forma os objetos culturais são abrigados dentro ou fora do ambiente de museu, por meio de propostas conceituais que desenvolvem determinadas funções e metodologias reconhecidas pela Museologia identificadas no “[...] olhar museológico, no fato

⁶ Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/>>. Acesso em: 10 abr 2017.

museal, no processo de musealização, na imagem museu, na construção de discurso, na ação educativa e na contemporaneidade dos museus[...]”.

Neste sentido, também podemos analisar o potencial museológico do Theatro da Paz de acordo com os conceitos do autor que nos permite ter um olhar transformador aos diferentes espaços museais a partir de outras instituições que não são museus, mas apresentam características semelhantes, tais como a comunicação apresentada em suas visitas guiadas. Além disso, de forma especial, Chagas (1994, p. 54) argumenta que dependendo do olhar museológico, a partir de um ato de vontade, tudo pode ser potencialmente musealizável ou ser incorporado a um museu como forma de preservar os bens culturais.

É importante perceber que o museu contemporâneo está em processo de evolução e constantes modificações e, nesta concepção, conforme Oliveira (2013), o museu vem se reafirmando como uma instituição aberta e comunicativa que compreende o indivíduo como um ser social. Neste sentido, os museus apontam sobre a vontade de receber novos visitantes procurando conhecer os variados tipos de público com o objetivo de promover o aprendizado, o debate e o conhecimento de inúmeras qualidades cognitivas, tais como a diferença de pensamentos, análise sobre o passado, a problemática mundial, dentre outros aspectos.

Nesta linha de pensamento, Oliveira (2013) afirma que o museu integral se confunde com os centros culturais, abrangendo novos setores do conhecimento. Neste tipo de museu, de acordo com Lima (2001, p. 06), “[...] o seu acervo deixa o espaço sagrado e vai revelar-se em outros lugares anteriormente jamais pensados [...] rompe fronteiras, ganha o título de espaço vivo pela nova dinâmica que se propõe e pela própria concepção de vida proporcionada [...]”.

Conforme a visão conceitual do *museu integral*, podemos perceber que pela liberdade proposta de comunicar em diferentes locais nunca imaginados anteriormente, é o tipo de museu que mais se aproxima ao modelo comunicacional presente nas visitas guiadas que vislumbram o potencial museológico proposto neste trabalho.

Cabe ressaltar a importância de analisar que o museu assim como a sociedade está em constante mudança e por este motivo obriga-se a seguir o processo evolutivo dos novos conceitos, funções e aprendizados. (OLIVEIRA, 2013).

De acordo com os argumentos expostos, podemos perceber que os museus estão mais abertos a novas formatações expositivas e estão gradativamente buscando possibilidades que promovam a inserção do público visitante em geral aos espaços que procuram comunicar e dialogar conhecimentos em detrimento ao discurso dos museus oficiais tradicionais que ainda insistem em manter um único modelo expositivo e de diálogo com o público.

Para Chagas (1994, p. 59), “[...] o museu não é apenas uma casa de preservação ou um centro de excelência científica ou uma casa de espetáculos, mas a combinação potencializada de todas estas tendências”. Além disso, envolvem as funções básicas de investigação, comunicação e preservação como elementos da musealização.

A partir dos argumentos citados, acredita-se que a comunicação presente nas visitas guiadas do Theatro da Paz associada ao conjunto de seus objetos e seu valor histórico podem promover outras atividades além das mediações com o intento de solidificar ainda mais as práticas culturais já existentes e mostrar à comunidade que o teatro, assim como os museus, é um espaço de todos, para todos e por este motivo pode ser musealizado.

4.1 O LÓCUS EM QUESTÃO

O Theatro da Paz foi inaugurado durante a primeira temporada de arte, no dia 15 de fevereiro de 1878, pela Companhia teatral do ator brasileiro Vicente Pontes de Oliveira. Foi o início da divulgação nacional e internacional do Theatro da Paz, considerado um monumento à cultura cênica e musical da época proveniente dos investimentos do Ciclo da Borracha que promoveu no século XIX projetos culturais na região Norte, em especial, nas cidades de Belém e Manaus, trazendo grandes mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais. Além disso, importou para a região amazônica os produtos mais sofisticados dos Estados Unidos e Europa.

Imagem 9 - Theatro da Paz



Fonte: www.theatrodapaz.com.br

Segundo Souza (2015), no Pará, o Theatro da Paz foi a primeira casa de espetáculos construída com verbas públicas desde a década de 1820, como edificação de um teatro da província paraense. Durante os anos de 1780 e 1812, existia a Casa de Ópera ou Teatro Cômico, edificação projetada a pedido de Portugal pelo arquiteto bolonhês José Antônio Landi, entrando em processo de degradação logo em seguida.

O Theatro da Paz foi construído durante o governo de Carlos de Araújo Brusque com o sancionamento da Lei n.º 426, de 29 de novembro de 1863 no decorrer da Guerra do Paraguai que por este motivo foi sugerido inicialmente a denominação do teatro como Nossa Senhora da Paz e posteriormente, alguns anos mais tarde, recebeu a abreviação de acordo com o governo de Theatro da Paz.

Segundo Ulysses Nobre (1915, p. 171):

A inauguração da nossa primeira casa de espetáculos teve lugar a 15 de fevereiro de 1878, às 8 horas da noite, com o seguinte programa: À chegada do presidente da Província, subiram ao ar muitas girândolas de foguetes e as bandas de música executaram vibrantes marchas. (NOBRE, 1915, p. 171)

Imagem 10 - Theatro da Paz - Salão de Entrada



Fonte: www.theatrodapaz.com.br

Conforme Roseane Souza (2005), o Theatro da Paz foi aberto ao público como uma das festividades mais concorridas de 1878, competindo com as disputas eleitorais dos deputados provinciais para o Parlamento Nacional. Os jornais dos partidos políticos estimularam a curiosidade da população sobre os preparativos da inauguração do teatro a partir de informativos referentes a inauguração da luz elétrica, a estreia do primeiro espetáculo da companhia artística, assim como a abertura da bilheteria para a venda dos ingressos.

Segundo Paulo Chaves (2013, p. 176), “Embora o bairro da Campina não apresentasse ainda o aspecto imponente que hoje conhecemos, para ali se transportou, com a edificação do Theatro da Paz, o centro dos maiores acontecimentos sociais e artísticos do Pará”. Neste contexto, o Theatro da Paz situado no entorno da Praça da República, antigo Largo da Pólvora, fazia companhia aos lugares de destaque da época, tais como o Café Chique, o Cassino Paraense, o Café da Paz e o Grande Hotel.

Em 1880 foi inaugurada a primeira temporada de óperas do Theatro da Paz com a Companhia Lírica Italiana e continuou sendo o local dos principais acontecimentos artísticos e culturais ao abrigar óperas, operetas, dramas, comédias, concertos e recitais. Além disso, de forma especial, também foi palco de cerimônias cívicas somadas às apresentações de festivais beneficentes desenvolvidos pelas Ligas Libertadoras dos Escravos, tornando-se a principal sala de espetáculos de Belém.

Imagem 11 - Theatro da Paz- Sala de Espetáculos



Fonte: www.theatrodapaz.com.br

Após nove anos da sua inauguração, o teatro precisou de algumas reformas devido aos problemas ocasionados pela constância do calor, umidade, chuvas abundantes e variações climáticas sendo fechado em 1887 para a realização das obras de restauração.

É importante destacar que um dos espaços mais importantes do Theatro da Paz é o Salão Nobre ou Foyer, pois foi um dos locais mais frequentados pela classe burguesa da época por acontecer recitais, bailes carnavalescos, exposições de obras de arte, abrigar pinturas em estilo neoclássico e barroco, o busto dos renomados compositores da época: Henrique Gurjão e Carlos Gomes, e, além disso, apresentar um mezanino que era utilizado pelos músicos durante os eventos sociais.

Imagem 12 - Theatro da Paz- Salão Nobre ou Foyer



Fonte: www.theatrodapaz.com.br

Atualmente o Salão Nobre ou Foyer integra como mais um espaço expositivo de mediação ou visita guiada e traduz a sua história por meio dos objetos e manifestações artísticas verificadas na pintura do teto, de autoria do Pernambucano Armando Baloni, realizada em 1960, inspirada nas musas da música em consonância com a flora e fauna amazônica; e as paredes pintadas pelos italianos que retratam motivos com buquês florais, tornando-se um dos espaços mais apreciados durante as mediações ou visitas guiadas presentes neste trabalho como um processo comunicacional de grande relevância ao propor a musealização do Theatro da Paz.

4.2 MÉTODO E PROCEDIMENTOS

O estudo de caso refere-se a uma análise de entrevista qualitativa, com perguntas abertas e fechadas, realizadas no mês de abril do corrente ano, mediante o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), com 12 participantes divididos em: (01) direção do teatro, (01) funcionário aposentado, (02) mediadores, (02) arquitetos, (02) setor turístico, (02) taxistas trabalhadores do entorno do Theatro da Paz e (02) visitantes de faixa etária diferente, por meio de três questionários diferenciados.

As respostas dos entrevistados foram transcritas e o objetivo dos questionamentos é identificar não somente as variadas percepções referentes ao possível potencial museológico do Theatro da Paz, mas também sua identificação como museu sabendo que seu espaço não abriga uma instituição museológica, mas apresenta características que se aproximam das ações um museu presentes especialmente na comunicação das visitas guiadas, na estrutura arquitetônica, nos salões principais, pinturas, móveis, lustres, escadarias e objetos em geral.

A coleta de dados fez com que este estudo pudesse ser um pouco mais aprofundado no sentido de obter informações positivas ou negativas no intuito de considerá-lo passível de musealização. Portanto, pretende-se que este estudo torne-se fundamental na perspectiva de uma Museologia Social no que se refere à interação da comunidade com a proximidade da “livre” entrada no Theatro da Paz através das visitas guiadas e outras ações educativas, tais como a participação com entrada gratuita em oficinas, palestras, apresentações teatrais e musicais da Amazônia Jazz Band, Festival de Dança da Amazônia, Festival de ópera, dentre outros espetáculos.

4.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como forma de promover um melhor entendimento sobre o potencial museológico do Theatro da Paz a partir das visitas guiadas, optou-se por um estudo de caso a partir do olhar do público que frequenta e/ou trabalha no espaço e no seu entorno.

A grade de respostas dos questionários repassados segue abaixo, com suas respectivas contribuições:

INFORMANTE	QUANT.	SEXO (M/F)	IDADE (ANOS)
Mediadores das visitas guiadas	2	50% M 50% F	30-50
Visitantes, arquitetos, taxistas do entorno e trabalhadores representantes do setor turístico	8	50% M 50% F	21 a 30 (1) 31 a 40 (2) 41 a 50 (2) 51 a 60 (1) Mais de 60 (2)
Direção e funcionário aposentado	2	50% M 50% F	51 a 60 (2)

Fonte: Pesquisa de campo, abr/2017.

A análise subjetiva segue conforme os questionamentos direcionados inicialmente aos mediadores, a partir de 05 (cinco) perguntas:

1- O que deixa os visitantes mais impressionados diante do Theatro da Paz?

M1 – *Primeiramente pela beleza que ele tem, a edificação dele e a estrutura arquitetônica.*

M2 – *Com certeza a beleza da estrutura arquitetônica dele, também as pinturas e as obras de arte que ficam espalhadas por todos os lugares que a gente olhe*

2- Nas visitas guiadas, que tipo de curiosidade o visitante apresenta em relação ao Theatro da Paz?

M1 – *Do modo como o teatro foi construído, quem construiu, quem pintou, como o teto foi pintado, como as pessoas conseguem ficar nos lugares mais altos quando tá acontecendo os espetáculos.*

M2 – *Curiosidades do tipo: Quem foi o pintô do teto? Quem construiu? Quem colocô o lustre central? Como é que o teto apresenta todo esse peso do lustre sem desabar? Quais são os artistas que já se apresentaram no teatro? Etc.*

3- A instituição Theatro da Paz possui (ou aplica) mecanismos de incentivo às visitas guiadas?

M1 – *Sim.*

M2 – *Sim, programa di visitas agendadas com as escolas particulares e públicas, mas eu vejo que precisa de mais divulgação na mídia pra conhecer os outros espaços do teatro.*

4- Após a visitação, você acha que o visitante percebe o Theatro da Paz como um espaço de museu?

M1 – *Sim. Como o teatro tem a visitação guiada e mostra os espaços com todas suas obras e objetos, eles acabam identificando a visita como se tivessem num museu; muitos falam sobre essa semelhança.*

M2 – *Sim, o circuito de visita pelos salões e pelas obras que tão lá (móveis, bustos em mármore do Carlos Gomes, José de Alencar), além do livro de visita como tem nos museus.*

5- Você identifica as visitas guiadas como um elemento comunicativo presente na sua mediação que poderá perceber o Theatro da Paz como um museu? Por quê?

M1 – *Sim, Sempre! A visita guiada é totalmente interativa, comunicativa, e parece muito com as visitas dos museus. Acho que a única diferença é que aqui, é uma instituição e não um museu. Sendo assim, acho que é uma questão de nome, identificação ou de nomenclatura, porque poderia sê muito bem um “Theatro-museu”, assim como existe os Cine-theatros nas outras cidades. Aqui em Belém tem o exemplo do Cine-Theatro Maria Sylvia Nunes que fica lá na Estação das Docas.*

M2 – Sim, totalmente. Durante a visitação é apresentada a história do teatro, além da troca de informação a partir do que os visitantes já sabiam por terem lido na internet ou nas revistas. Eles também mostram interesse pelo momento histórico da construção do teatro durante o Ciclo Da Borracha.

Sobre os questionamentos, os mediadores aliaram as informações propostas com respostas quase idênticas, especialmente no que se refere à beleza da estrutura arquitetônica, a pintura, as obras de arte, o modo como o teatro foi construído, quem pintou, como foi colocado o lustre central, os artistas que já se apresentaram; o incentivo às visitas guiadas a partir de agendamentos; o pouco investimento em publicidade para divulgação do espaço, chamando o público à visitação. Sobre a percepção do Theatro da Paz como um museu após a visitação, é possível identificar obras, objetos, os salões, os móveis, os bustos em mármore, o livro de visita. Quanto à visita guiada ser um elemento comunicativo presente na mediação, isto acontece sempre, a partir da interação, da troca de informações, do interesse dos visitantes sobre a história do teatro, apesar deste ser um espaço destinado a espetáculos.

A análise das questões objetivas/ subjetivas segue conforme os questionamentos direcionados posteriormente aos visitantes, arquitetos, taxistas do entorno e trabalhadores representantes do setor turístico a partir de 08 (oito) perguntas:

1 – Você costuma visitar o Theatro da Paz?

Primeira visita – 1 (10%)

De vez em quando – 5 (70%)

Nunca visitei – 1 (10%)

Sempre – 1 (10%)

2-Você sabia da existência das visitas guiadas (com acompanhante) no Theatro da Paz?

Sim – 7 (90%)

Não – 1 (10%)

Obs: Um dos informantes disse que sabia das visitas guiadas, mas que foi a primeira vez que participou de uma, pois estava trazendo amigos de outra cidade para conhecer o Theatro da Paz.

3- De que forma você teve conhecimento das visitas guiadas no Theatro da Paz?

– Outros (internet)

– No próprio Theatro da Paz

– Outros (pelos clientes turistas daqui da agência)

– Através de um parente (O meu cunhado trabalha no Theatro da Paz)

– Não conhecia

– Outros (pelos turistas que pegam o táxi e pedem pra levar eles no Theatro da Paz).

– Amigos – 02 informantes.

4- Que tipo de curiosidade você tem (ou tinha) em relação ao Theatro da Paz?

- Como ele foi construído, as salas e os espaços onde os artistas se apresentam...

- De como eles fazem pra trocar as lâmpadas do lustre central e como pintaram o teto dos salões..

- *Sempre tive curiosidade em sabê quem frequentava na época da construção do teatro, que roupa eles usavam, como eram as pessoas da época.*
- *Como consegue se manter tão bonito por tantos anos.*
- *Justamente por eu não conhecer o teatro por dentro, eu sempre quis sabê o teatro por dentro, eu sempre quis saber sobre as dependências, porque olhando de fora, acho um prédio muito bonito.*
- *Dizem que passava um rio antes da construção dele. Sei lá, eu ainda não tinha nascido... (Risos) e eu sempre tive curiosidade de sabê o que existia nessa época.*
- *De como foi pintado o teto e colocado o lustre, que é enorme.*
- *Tinha curiosidade de vê a planta original da construção dele, os materiais que foram usados no século XIX, a pintura do teto, a construção do lustre, etc.*

5- O que o deixa (ou deixou) mais impressionado diante do Theatro da Paz?

- *É lindo! Fiquei impressionada com a riqueza arquitetônica, as pinturas das paredes, do teto, os móveis, etc.*
- *A riqueza das obras de arte (pintura, estátuas, escadarias, painéis e objetos folheados a ouro).*
- *A beleza do prédio. Acho linda a sala de espetáculos, a cortina com desenhos, as pinturas.*
- *A beleza arquitetônica, as pinturas e as obras de arte.*
- *A beleza, a riqueza da estrutura do prédio.*
- *A beleza das dependências dele, a iluminação, as obras de arte.*
- *A beleza da sua pintura, a distribuição das salas e dos locais onde o público assiste os shows, além da acústica que eu acho excelente e sem dúvida é a melhor de Belém.*
- *A beleza estrutural e arquitetônica e a semelhança com o Theatro de Milão, na Itália, e com o Theatro Amazonas que também foi construído na mesma época.*

6- Você acha que as visitas guiadas (com acompanhante) servem para sua percepção do Theatro da Paz como um museu?

Sim – 100%

7- Com relação ao espaço do Theatro da Paz, você acha necessária a visita guiada?

Sim – 100%

8- Após a visita guiada, você consegue perceber o Theatro da Paz como se estivesse dentro de um museu?

Sim – 7 (90%)

Não – 1 (10%)

Obs.: Um dos informantes, como nunca teve a oportunidade de entrar no teatro, não sabe dizer. Porém, crê que se pareça com um museu. Ele conhece apenas o Museu Emílio Goeldi, mas lá é um parque que também conta com exposições.

Sobre os questionamentos, os informantes aliaram as informações propostas com respostas quase idênticas, especialmente no que se refere às visitas periódicas ao Theatro da Paz, onde a maioria vai de vez em quando. Sobre as visitas guiadas, apenas um disse não saber da existência e outro, mesmo sabendo das visitas, foi pela primeira vez para levar amigos de outra cidade para conhecer o mesmo. Quanto ao conhecimento sobre as visitas, o modo foi diverso, especialmente por informações de amigos; sobre os tipos de curiosidade com relação ao teatro, e as mais comuns são: Como foi construído, quais os artistas que já se apresentaram, como fazem para trocar a lâmpada do lustre central, quem pintou os salões, o período da construção, o contexto histórico, quem fez a planta original, dentre outros.

Após a visitação, o que mais impressionou foi a beleza interna/externa, as pinturas do teto, os móveis antigos, as obras, os painéis, os objetos folheados a ouro, a escadaria, o salão de espetáculos, a acústica e a semelhança com outros teatros nacionais e internacionais.

Sobre a percepção do Theatro da Paz como um museu, todos disseram que sim. Se a visita guiada é necessária, responderam que sim. Após a visita, se há percepção do espaço como um museu, apenas um respondeu que não, porque não teve a oportunidade de conhecer o teatro por dentro.

A análise subjetiva segue conforme os questionamentos direcionados à direção e ao funcionário aposentado do Theatro da Paz, a partir de 05 (cinco) perguntas:

1- Você identifica as visitas guiadas como um elemento comunicativo que pode propor as características de um museu ao Theatro da Paz? Por quê?

F – *Sim, porque a visitação faz com que você viaje no tempo, na história, no passado, por exemplo, no Ciclo da Borracha. Essa comunicação das visitas pelos espaços do teatro que contam histórias é igual de um museu.*

D – *Sim, com certeza! As visitas guiadas contam histórias do teatro desde a fundação dele até os dias de hoje; a comunicação tá totalmente inserida.*

2- Como diretor ou funcionário aposentado, ao analisar o Theatro da Paz em geral, você consegue visualizá-lo como um espaço de museu? Por quê?

F – *Sim, o Theatro da Paz, por si só, já apresenta importância do seu prédio, que foi tombado pelo IPHAN e a sua riqueza interior relacionada aos móveis, aos lustres, salões, escadarias de mármore, lembram um museu.*

D – *Sim, porque ele apresenta uma identificação que lembra as características de um museu, instalado num prédio histórico. Além disso, essas visitas guiadas acabam contribuindo pra que seja parecido com um museu.*

3- Você acha que a mediação presente nas visitas guiadas faz o visitante perceber o Theatro da Paz como um espaço semelhante de um museu?

F – *Acho que sim, mas depende do visitante. Se o visitante é conhecedor e admirador de arte, de história e de cultura, é mais fácil que ele identifique o espaço como de um museu; Com relação aos outros, provavelmente vão ter um olhar diferente.*

D – *Acredito que sim porque eles são recepcionados por mediadores preparados pra fazer um circuito de visita dentro do teatro e devido a isso, eles devem perceber o espaço como de um museu.*

4- A instituição Theatro da Paz possui (ou aplica) mecanismos de incentivo às visitas guiadas?

Sim – 100%

5- Além das visitas guiadas, o Theatro da Paz, instituição patrimonializada pelo IPHAN, apresenta outras ações ou potenciais que possam ser identificados e comparados aos recorrentes nos museus? Quais?

F – *Sim, sempre teve essas ações voltadas pra essa parte educativa com as crianças e adolescentes a partir de palestras no próprio teatro pra chamá o público, e também pra conhecê o teatro como um todo, entende? (riqueza arquitetônica).*

D – *Sim, além das visitas guiadas convencionais, o teatro recebe a visita agendada por estudantes de escolas públicas e particulares, e tem também o do Clube da Terceira Idade... Ele também apresenta ações de conservação, restauraões constantes de móveis e outras estruturas parecidas com as ações que têm nos museus.*

Sobre os questionamentos, o funcionário aposentado e a direção aliaram as informações propostas com respostas praticamente idênticas, especialmente no que se refere à identificação das visitas guiadas como elemento comunicativo a partir das características de um museu, onde se pode observar que a visitação é como uma viagem no tempo, na história e no passado, permitindo assim essa comparação. Em uma opinião pessoal sobre a visualização do Theatro da Paz como um espaço de museu, coloca-se como fator preponderante o tombamento do prédio pelo IPHAN, justamente por este lembrar as características de um museu, a partir da riqueza de suas obras, documentos, estrutura arquitetônica, etc.

Quanto à mediação presente nas visitas guiadas propiciando essa semelhança, entende-se que depende do visitante, de seu conhecimento prévio sobre arte, cultura, história, além do conhecimento do mediador, que é fundamental para que a visita guiada seja de fato uma realidade proporcionada de modo correto e interativo.

No que se refere ao incentivo da instituição para as visitas guiadas, os informantes responderam afirmativamente e observaram que as ações de comunicação presentes na instituição é um importante elemento de aproximação ao que os entrevistados compreendem por museu.

Concluindo a análise das entrevistas, observa-se que o Theatro da Paz pode ser passível de musealização devido apresentar características que se assemelham a um museu, em especial, no tocante à comunicação presente nas visitas guiadas que, dependendo do olhar de seus visitantes e da correta mediação daqueles que se propõem a mostrar as dependências de seu patrimônio, possam identificá-lo como um espaço museal.

Além disso, de maneira geral, o conhecimento tanto da história e da situação atual como instituição teatral que continua em atividade a partir da constante apresentação de espetáculos, podem conviver em perfeita harmonia e união com as ações referentes às visitas guiadas no intuito de preservar sua memória no tempo passado, presente e futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou analisar o campo da Museologia e da Comunicação a partir do estudo do potencial museológico do Theatro da Paz. Neste sentido, objetivou propor a sua musealização através das mediações ou visitas guiadas apresentadas ao público.

Considerando os efeitos da comunicação associados aos elementos que debatem questões dentro do setor museológico, foi possível abordar o processo e os conceitos de musealização e comunicação museológica, assim como o papel do mediador e da visita guiada na mediação, na comunicação museológica e como meio de informação e aproximação do público através das perspectivas da educação patrimonial.

A temática tornou-se de grande importância porque foi possível analisar mecanismos de incentivo às visitas guiadas relacionadas ou não aos processos pedagógicos realizados na instituição. Dessa forma, podemos observar sua relevância para o meio acadêmico que certamente contribuirão com os estudos museológicos da Universidade Federal do Pará, com os pesquisadores como meio de crescimento pessoal, acadêmico e profissional e com a sociedade.

É importante analisar e considerar que as ações propostas são pensadas para o público em geral, mas necessitam de investimentos das políticas públicas governamentais que priorizem o setor educativo, propiciem a sua divulgação e fomentem o desenvolvimento cultural do Estado a partir de investimentos que ultrapassem o seu valor histórico e promovam ações de proteção, conservação, salvaguarda, documentação e especialmente da exposição como importante forma de comunicação do espaço.

Os resultados da pesquisa foram adquiridos através de uma pesquisa de campo realizada no Theatro da Paz e no seu entorno por meio de questionários com perguntas abertas e fechadas com o objetivo de obter dados mais consistentes relacionados ao olhar dos entrevistados a partir da proposta deste trabalho.

Nestes aspectos, é importante destacar a “voz” do público e de que maneira concebem a instituição ao perceber que a mesma não é um museu, mas apresenta características muito próximas que, dependendo do subjetivismo perceptivo, poderá atribuir valores e funções específicas destacadas nas organizações ou planos museológicos de um museu.

Além disso, de forma especial, é fundamental ratificar a importância da mediação para comunicação museológica como um dos elementos chaves do processo de musealização e que vislumbram o potencial museológico do Theatro da Paz a partir dos meios informativos e dialógicos presente nas visitas guiadas.

Ao final, verificou-se que a maioria dos participantes entrevistados identificou o Theatro da Paz como um museu através da similaridade de como ambos apresentam suas visitas guiadas, permitindo assim, que os objetivos propostos pudessem de fato analisar o fundamento conceitual do campo da Museologia.

Nestes aspectos, os objetivos foram alcançados e esclarecidos no que tange o processo de comunicação museológica e sua relação com o processo de musealização, a partir da identificação das visitas guiadas promovidas pelo teatro como um elemento que se aproxima da comunicação presente no processo de musealização; na investigação da interação sociocultural promovida pelas visitas guiadas objetivando compreender a configuração das relações comunicativas com o campo museológico.

É recomendável, desse modo, que sejam realizados novos estudos que possam identificar e aprofundar a proposta de musealização do Theatro da Paz, pois este é apenas um estudo inicial que poderá gerar inúmeros debates e discussões ao relacionarmos os conceitos museológicos a outras áreas do conhecimento científico.

Partindo deste princípio, estes estudos poderão resultar em bons frutos referentes às probabilidades do potencial museológico de outras instituições, assim como de bens materiais ou imateriais que possam efetivamente contribuir com o campo da Museologia.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marcelo Mattos e BRUNO, M.C. Oliveira (Org.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: Documentos e depoimentos.** Comitê Brasileiro de ICOM, 1995.
- ALMEIDA, Adriana Mortara. Estudos de Público: A avaliação de exposição como instrumento para compreender um processo de comunicação. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia.** São Paulo, 1995, pp. 325-334.
- BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Ed. UFRJ, 2009.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). **Arte/ Educação como Mediação Cultural e Social.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- BRASIL. CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. **Art. 5º.** Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em 10 abr 2017.
- BRASIL. **Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009.** Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Diário Oficial da República Federativa, Brasília, DF, 21 jan. 2009b. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 20 mar. 2017.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia e Comunicação.** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia n. 9).
- CARDOSO, Pedro. **O património perante o desenvolvimento.** Tese de doutoramento em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2010 a.
- _____. **Que objeto a museologia deve conceber para que o património consiga entrar na memória?** Comunicação apresentada no Simpósio sobre Sociomuseologia: Museologia, Musealização e os Desafios dos Trabalhos Acadêmicos. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2010.
- CHAGAS, Mário. **No museu com a turma do Charlie Brown.** Cadernos de Museologia, nº 02. 1994.
- CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais: fontes de informação em Ciência e Tecnologia.** Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.
- CURY, Marília Xavier. **O campo de atuação da Museologia.** In: Exposição - Concepção, Montagem e Avaliação. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008. vol. 1. 162 p.
- _____. **Museu, Filho de Orfeu e Musealização.** In: VIII Encontro Regional. ICOFOM LAM/99.
- _____. Comunicação Museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia. USP- **Revista CPC,** São Paulo, nº 3, Pp 69-90, nov. 2006/ abr. 2007.

_____. **Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus.** Hist. Cienc. Saude-Manguinhos, vol 12, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Novas perspectivas para a Comunicação Museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus.** Museu de Astronomia e Ciências Afins. I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Rio de Janeiro, 2008. p. 270.

DE PAULA, Thais Regina Franciscan. **A mediação em museus: um estudo do projeto “Veja com as mãos”.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2012.

DESVALÉES, A.; MAIRESSE, F. (org.). **Conceitos-chave de Museologia.** ICOFOM. 2013. Disponível em: www.icom.museum-conceitos-chavedeMuseologia. Acesso em: 29 abr 2017.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana.** Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

FERNANDES, Paulo Chaves; LIMA, Rosário (org.). In: Vicente Salles. **Theatro da Paz.** Pará. Secretaria de Estado de Cultura. Belém: Secult, 2013. Série Restauro, v. 5.

GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais.** Cap. 3, In: M. W. Bauer & G. Gaskell, (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. Museu, museologia e formação. In: **Revista de Museologia.** São Paulo, nº 1, 1989.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. **The Educational Role of the Museums.** London: Routledge, 1994.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

_____. **Semiótica museal.** Rio de Janeiro, 1992.

JESUS, Priscila M. de. **Uma reflexão sobre o processo de musealização: o patrimônio imaterial nos espaços museais.** Cadernos de Sociomuseologia – 4 - 2014.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **Museologia - Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan.-abr. 2012.

_____. **Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália.** Ci. Inf., Brasília, DF, v. 42 n. 3, p.379-398, set./dez., 2013.

LOUREIRO, Maria Lúcia. Musealização como estratégia de preservação: estudo de caso sobre um previsor de marés. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio, MAST - vol. 5 no 1 – 2012.

MAROEVIC, Ivo. **O papel da musealidade na preservação da memória**. Congresso Anual do ICOFOM: Zagreb. Tradução de Tereza Scheiner, 1997.

MARANDINO, Martha. Enfoques de educação e comunicação nas bioexposições de museus de ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 3, n.1, p. 103-120, 2003.

_____. **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf/FEUSP, 2008.

MOUTINHO, Mário. Sobre o **conceito de Museologia Social**. Cadernos de Museologia nº 1. 1993.

MUSEUS. Estatuto de Museus. **Lei nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em: www.museus.gov.br. Acesso em: 10 abr 2017.

NASCIMENTO, Júnior José do; CHAGAS, Mário de Souza. **Diversidade museal e movimentos sociais**. In: NASCIMENTO Júnior, José do (org.). **IBERMUSEUS 2: Reflexões e comunicações**. Brasília/DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008a.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. O corpo humano em exposição: **promover mediações sócio-culturais em um museu de ciências**. In. MASSARINI, L. (Ed). Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros de Ciências. Museu da Vida-Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz. Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, Genoveva. **O museu como um instrumento de reflexão social**. *MIDAS* [Online], 2 | 2013. URL : <http://midas.revues.org>. Acesso em 12 Abril 2017.

PARÁ. Secretaria Executiva de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. **Lei Estadual nº 5.629** - Tombamento do Theatro da Paz. Periódico “Informar para Preservar”, 1. Belém, 2002.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Rev. Bras. Hist.** vol. 26, nº 51, São Paulo Jan./June 2006. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 20 mar 2017.

RAFAELI, S. **Interactivity: from new media to communication**. In: Sage annual review of communication research: advancing communication science. Beverly Hills: Sage, 1998, p. 110-134 Disponível em: <<http://gsb.haifa.ac.il/~sheizaf/interactivity/>>. Acesso em: abril de 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Semiótica**. Panorama do Campo Comunicacional. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTANA, Cristiane Batista. **Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museu e entorno**. Ed. ACAM Portinari/ SEC- São Paulo, 2011.

SCHEINER, Tereza. Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos. **Revista Semiosfera**, ano 3, nº 4-5, 2003.

SILVEIRA, Flávio L. da; BEZERRA, Marcia. – **Educação Patrimonial**: perspectivas e dilemas. In: LIMA FILHO, M.F; ECKERT, C.; BELTRÃO, J. (Orgs.) – Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos. ABA: Blumenau: Nova Letra, 2007.

SOUZA, Roseane Silveira de. **Histórias invisíveis do Teatro da Paz**: da construção à primeira reforma – Belém do Grão-Pará (1869-1890). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Estudos Pós-graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2015.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1986.

TOMBAMENTO DO THEATRO DA PAZ. **Lei Estadual nº 5.629**. Secretaria Executiva de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Periódico. Informar para preservar, 1. Belém, 2002. 39 p. II.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a),

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa de estudo de caso no Theatro da Paz, como parte de uma monografia intitulada: “**Museologia e Comunicação: Um estudo do potencial museológico do Theatro da Paz**”, desenvolvida pelo curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Pará. Os objetivos da pesquisa são:

- Analisar o Theatro da Paz a partir da perspectiva da Museologia considerando a musealização como um elemento significativo que propicie a sua preservação no tocante as ações de comunicação, tendo como foco as mediações ou visitas guiadas desenvolvidas pela instituição, elemento que revela proximidade com os processos de comunicação museológica.

- Investigar a interação sociocultural promovida pelas visitas guiadas objetivando compreender a configuração das relações comunicativas com o campo da Museologia.

A pesquisa é importante na contribuição de reflexões acerca dos trabalhos no âmbito educativo e cultural que têm sido desenvolvidos pelo teatro, bem como para o crescimento científico da área da Museologia.

No caso de interesse em participar, a pesquisa em questão será realizada através de **entrevistas individuais**, na qual as perguntas foram elaboradas pelo pesquisador e serão aplicadas com o pesquisado durante a mediação ou visita guiada do Theatro da Paz no mês de abril de 2017.

Além do questionário com perguntas abertas e fechadas, será utilizado um gravador de voz via aparelho celular com o objetivo de registrar a coleta de dados, sendo garantidos o sigilo e privacidade dos dados de identificação pessoal do participante que serão de único acesso do pesquisador.

A análise e a discussão dos dados obtidos serão apresentadas e divulgadas apenas para fins científicos. Por esta razão, solicito também sua autorização do uso do registro para divulgação dos resultados da pesquisa em produções bibliográficas, tais como artigos, revistas, livros e eventos.

Eu, _____, portador (a) do RG nº. _____, inscrito no CPF nº. _____, após ter lido e compreendido as informações e esclarecido todas as dúvidas referentes a este estudo com Bruno Braga Braga, **concordo voluntariamente** a participar do mesmo.

Data: ___/___/___

Assinatura do Pesquisado

Certos de poder contar com sua autorização, nos colocamos à disposição para esclarecimentos através dos contatos da orientadora: Paula Silva (E-mail: paulacmuseo@gmail.com) e do pesquisador: Bruno Braga Braga (E-mail: brunobraga3@hotmail.com)

APÊNDICE 2 - FORMULÁRIO DE PESQUISA PARA O DIRETOR E FUNCIONÁRIO APOSENTADO DO THEATRO DA PAZ

1- Você identifica as visitas guiadas como um elemento comunicativo que pode propor as características de um museu ao Theatro da Paz? Por quê?

2- Como diretor ou funcionário aposentado, ao analisar o Theatro da Paz em geral, você consegue visualizá-lo como um espaço de museu? De que forma este espaço pode ser musealizado e quais ações podem ser propostas para atrair o público e fortalecer a mediação?

3- Você acha que a mediação presente nas visitas guiadas faz o visitante perceber o Theatro da Paz como um espaço semelhante de um museu?

4- A instituição Theatro da Paz possui (ou aplica) mecanismos de incentivo às visitas guiadas?

() Sim

() Não

5- Além das visitas guiadas, o Theatro da Paz, instituição patrimonializada pelo IPHAN, apresenta outras ações ou potenciais que possam ser identificados e comparados aos recorrentes nos museu? Quais?

APÊNDICE 3 - FORMULÁRIO DE PESQUISA PARA OS MEDIADORES DAS VISITAS GUIADAS

1- O que deixa os visitantes mais impressionados diante do Theatro da Paz?

2- Nas visitas guiadas, que tipo de curiosidade o visitante apresenta em relação ao Theatro da Paz?

3- A instituição Theatro da Paz possui (ou aplica) mecanismos de incentivo às visitas guiadas?

() Sim

() Não

4- Após a visita, você acha que o visitante percebe o Theatro da Paz como um espaço de museu? De que forma este espaço pode ser musealizado e quais ações podem ser propostas para atrair o público e fazer com que os mesmos possam participar, trocar e fortalecer a mediação?

5- Você identifica as visitas guiadas como um elemento comunicativo presente na sua mediação que poderá perceber o Theatro da Paz como um museu? Por quê?

APÊNDICE 4 - FORMULÁRIO DE PESQUISA PARA OS VISITANTES, ARQUITETOS, TAXISTAS DO ENTORNO E SETOR TURÍSTICO

1 - Sexo:

- Masculino
 Feminino

2 - Idade

- menos de 20 anos
 de 21 a 30 anos
 de 31 a 40 anos
 de 41 a 50 anos
 de 51 a 60 anos
 mais de 60 anos

3 – Você costuma visitar o Theatro da Paz?

- Esta é minha primeira visita
 De vez em quando
 Sempre

4-Você sabia da existência das visitas guiadas (com acompanhante) no Theatro da Paz?

- Sim
 Não

5- De que forma você teve conhecimento das visitas guiadas no Theatro da Paz?

- Amigos
 Parentes
 No próprio Theatro da Paz
 Outros

6- Que tipo de curiosidade você tem (ou tinha) em relação ao Theatro da Paz?

7- O que o deixa (ou deixou) mais impressionado diante do Theatro da Paz?

8- Você acha que as visitas guiadas (com acompanhante) servem para sua percepção do Theatro da Paz como um museu?

- Sim
 Não

9- Com relação ao espaço do Theatro da Paz, você acha necessária a visita guiada?

- Sim
 Não

10- Após a visita guiada, você consegue perceber o Theatro da Paz como se estivesse dentro de um museu?

- Sim Não